



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUES**

EDNALVO GENUINO DO NASCIMENTO

**A CONTRIBUIÇÃO DA LITERATURA NAS AULAS DE HISTÓRIA DO ENSINO
BÁSICO: UMA LEITURA DOS CONTOS “PAI CONTRA MÃE” E “O CASO DA
VARA” DE MACHADO DE ASSIS**

**MAMANGUAPE
2023**

EDNALVO GENUINO DO NASCIMENTO

**A CONTRIBUIÇÃO DA LITERATURA NAS AULAS DE HISTÓRIA DO ENSINO
BÁSICO: UMA LEITURA DOS CONTOS “PAI CONTRA MÃE” E “O CASO DA
VARA” DE MACHADO DE ASSIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal da Paraíba – Campus IV, em
cumprimento aos requisitos para a obtenção do título de
Licenciado em Letras/Língua Portuguesa.

Orientador/a: Profa. Dra. Luciane Alves Santos

MAMANGUAPE-PB
2023

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

N244c Nascimento, Ednalvo Genuino do.

A contribuição da literatura nas aulas de História do ensino básico: uma leitura dos contos "Pai contra mãe" e "O caso da vara" de Machado de Assis / Ednalvo Genuino do Nascimento. - Mamanguape, 2023.
59 f.

Orientação: Luciane Alves Santos.
Monografia (Graduação) - UFPB/CCAEE.

1. Machado de Assis; escravidão; literatura; história. I. Santos, Luciane Alves. II. Título.

UFPB/CCAEE

CDU 028(043.2)

EDNALVO GENUINO DO NASCIMENTO

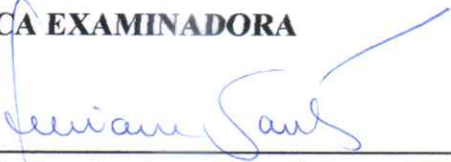
**A CONTRIBUIÇÃO DA LITERATURA NAS AULAS DE HISTÓRIA DO ENSINO
BÁSICO: UMA LEITURA DA OBRA DE MACHADO DE ASSIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal da Paraíba – Campus IV, em
cumprimento aos requisitos para a obtenção do título
de *Licenciado em Letras/Língua Portuguesa*.

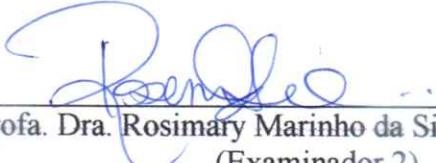
Orientador/a: Profa. Dra. Luciane Alves Santos

Aprovado em 02 de 06 de 2023.

BANCA EXAMINADORA


Orientador/a: Profa. Dra. Luciane Alves Santos – UFPB/DL


Profa. Dra. Moama Lorena Lacerda Marques – UFPB/DL
(Examinador 1)


Profa. Dra. Rosimary Marinho da Silva – UFPB/DCS
(Examinador 2)

MAMANGUAPE-PB

2023

DEDICATÓRIA

A minha mãe, Maria Genuino do Nascimento, que mesmo na sua condição física, sempre me deu todo seu amor e apoio durante todo o processo da minha vida acadêmica. Por cada palavra de incentivo, por cada carinho, por cada oração.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me dado a força necessária para seguir em frente e vencer os obstáculos que a vida me propôs, principalmente nos anos finais do curso.

A minha mãe, Maria Genuino do Nascimento, que mesmo na sua condição física, sempre me deu todo seu amor e apoio durante todo o processo da minha vida acadêmica. Por cada palavra de incentivo, por cada carinho, por cada oração.

A minha irmã, Maricélia do Nascimento, que mesmo a distância, sempre me deu muita força e carinho, e torce pelas minhas conquistas.

A minha segunda família na pessoa de Dona Inês Pereira, que por muitas vezes, tive que me ausentar, mas sempre me trataram com muito carinho e me deram a maior força.

A Professora Dra. Luciane Alves Santos, de todo coração a minha eterna gratidão por seu apoio, incentivo, interação, paciência, por suas orientações na construção desse trabalho. Por ser essa excelente profissional.

A todo o corpo docente do curso de Letras da UFPB campus IV, ao longo do curso.

A minha amiga, Vaneide Maria, que sempre me deu a maior força durante boa parte da minha trajetória acadêmica, me ajudando e me incentivando com a força das suas palavras.

A minha querida amiga Maria Helena, por todo incentivo e apoio, principalmente durante as minhas aulas práticas de estágios.

Aos meus amigos de curso e percurso de todas as tardes, Edna Braz, Julyane Chagas, e Ronaldo Lins. Juntos passamos por boas aventuras.

Agradeço a gestão escolar da E.E.I.E.F.M. Guilherme da Silveira nas pessoas de Lesliene Lima (Gestora escolar), Rivaldo Barros (Assessor Administrativo e Financeiro) e Carlos Neto (Coordenador Pedagógico), por todo apoio, incentivo e compreensão. De todo coração, meu muito obrigado.

Agradeço a todos que fizeram parte da minha jornada acadêmica. A vocês todo o meu carinho, admiração e respeito.

"A Literatura, como toda arte, é uma transfiguração do real, é a realidade recriada através do espírito do artista e retransmitida através da língua para as formas, que são os gêneros, e com os quais ela toma corpo e nova realidade"

(Afrânio Coutinho)

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo apresentar as possibilidades de emprego dos textos literários como mais um recurso didático nas aulas de história no ensino básico. Tentaremos evidenciar a dinâmica entre Literatura e História por meio da interdisciplinaridade, muito utilizada nos dias atuais e necessária para atingir o objetivo do trabalho em ambas as áreas. Destacamos que essa parceria interdisciplinar abre caminho para os discentes melhor conhecerem os fatos históricos da sociedade do passado e refletir sobre seus reflexos na atualidade. Por fim, o diálogo entre esses componentes pode se tornar um grande estímulo para que os discentes se tornem também apreciadores dos textos literários e possíveis leitores desses textos. Para desenvolver nossa proposta de trabalho, selecionamos como *corpus* de estudo dois contos de Machado de Assis: “Pai contra mãe” (1906) e “O caso da vara” (1891). Por meio da breve análise desses contos, pudemos comprovar como o discurso machadiano coopera para uma leitura atenta e sensível da condição dos escravizados no contexto histórico-social retratado nos contos: final do século XIX. Por fim, reiteramos que essa aproximação possibilita aos docentes reconhecer as potencialidades da literatura como uma excelente fonte de pesquisa. Para corroborar nosso percurso e embasar essa discussão, utilizamos como aporte teórico autores como Candido (1999), Todorov (2009), Cosson (2009), Chartier (1999), Pinsky (2010), Schwarz (2000), Chiappini (2000), Zechlinski (2003), entre outros.

Palavras-chaves: Machado de Assis; escravidão; literatura; história.

ABSTRACT

This course completion work aims to present the possibilities of using literary texts as another didactic resource in history classes in basic education. we will try to highlight the dynamics between Literature and History through interdisciplinarity, which is widely used nowadays and is necessary to achieve the objective of work in both areas. These are areas that have a very close relationship and dialogue in the educational environment. This approach enables professors to recognize the potential of literature as an excellent source of research. We emphasize that this interdisciplinary partnership paves the way for students to better understand the historical facts of past society and reflect on their reflections in the present. Finally, the dialogue between these components can become a great stimulus for students to also become lovers of literary texts and possible readers of these texts. To develop our work proposal, we selected as study corpus two short stories by Machado de Assis: "Father against mother" (1906) and "O caso da vara" (1891). Through a brief analysis of these tales, we can prove how Machado's discourse cooperates for an attentive and sensitive reading of the condition of enslaved people in the historical-social context portrayed in the tales: end of the 19th century. To corroborate our journey and support this discussion, we used as theoretical support authors such as Cândido (1999), Todorov (2009), Cosson (2009), Chartier (1999), Pinsky (2010), Schwarz (2000), Chiappini (2000), zechlinski (2003), among others.

keywords: Machado de Assis; slavery; literature; history.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Máscara de Flandres.....	45
FIGURA 2 – Anúncio sobre escravizados fugidos.....	46

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. CAMINHOS CRUZADOS: LITERATURA E HISTÓRIA.....	13
2.1 Literatura: sua importância cultural para as sociedades.....	13
2.2 Literatura e história na Era Moderna: Revitalização do estilo literário greco-romano e a nova organização da sociedade ocidental.....	23
3. AS ÁREAS DE LITERATURA E HISTÓRIA E SEUS PROCESSOS DE INSERÇÃO NO CURRÍCULO ESCOLAR.....	27
3.1 Literatura no currículo escolar: rica fonte de pesquisa para outras áreas de conhecimento.....	27
3.2 História no currículo escolar: as possibilidades de trabalho com a literatura através a interdisciplinaridade.....	29
3.3 A contribuição dos textos literários nas aulas de história.....	34
4. A ESCRAVIDÃO NA PERSPECTIVA DAS OBRAS MACHADIANAS.....	40
4.1 Machado de Assis e sua importância para a cultura literária.....	40
4.2 Pai contra mãe.....	43
4.3 O caso da vara.....	50
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55
REFERÊNCIAS.....	57

1. INTRODUÇÃO

Qual a contribuição da literatura para o ensino de história na educação básica? Esta é uma pergunta que vamos procurar responder no transcorrer do desenvolvimento do nosso trabalho. Sabemos que trabalhar com a leitura de textos literários, junto aos conteúdos de história, é muito importante para um melhor entendimento do assunto de história. Sempre que fazemos a leitura de uma obra literária, seja ela brasileira ou estrangeira, percebemos que ela nos leva a ter uma visão de como as sociedades se estruturam em todas as suas particularidades como hábitos, costumes, crenças, política, toda a cultura de um modo geral.

Quando refletimos sobre a literatura, percebemos a importância que ela tem, seja desde a educação básica até os níveis superiores. Além da sua importância, também como função social, como veículo de humanização, como nos lembra Antonio Candido (2006), entre outras funções. Portanto, pensando em seu uso no cotidiano escolar, mais especificamente nas aulas de história, a justificativa desta pesquisa é mostrar a relevância da utilização de textos literários para mediar o ensino de história.

Entendemos que nossa pesquisa irá contribuir para mostrar aos professores de ambas as áreas, o quanto é importante utilizar concomitantemente esses conhecimentos literários e históricos em suas aulas. Assim, acreditamos que com a utilização da interdisciplinaridade entre essas áreas, o aluno sairá da educação básica com um excelente ganho de conhecimentos.

Por estes motivos, nossa pesquisa tem como objetivo geral investigar as relações entre literatura e história. A pesquisa busca analisar a potencialidade do texto literário no ensino de história, para entender o quanto é significativa sua aplicabilidade. Para endossar nossa proposta, temos também como objetivos discorrer sobre o processo histórico da parceria dessas áreas do conhecimento e sua relação com o contexto educacional. O recurso analítico que selecionamos para ancorar nossa proposição repousa no estudo dos seguintes *corpus* literário: os contos “Pai contra mãe” (1906), “O caso da vara” (1891), de Machado de Assis. Essa escolha se deu pela grande contribuição de Machado para representar a sociedade brasileira do século XIX, como afirma Sidney Chalhoub (2003, p. 12) “Ao contar suas histórias, Machado de Assis escreveu e reescreveu a história do Brasil no século XIX”.

A metodologia deste projeto está centrada em uma pesquisa de caráter bibliográfico, produzida a partir de materiais já publicados, os quais foram consultados para gerar novos conhecimentos úteis na área de estudos literários com ênfase na importância da sua aplicação em sala de aula das escolas de educação básica, mais especificamente, nas aulas de histórias.

Dentre os textos que compõem o referencial teórico desta pesquisa estão Todorov (2009), no que se refere a importância da literatura, Cosson (2009) sobre a abordagem do texto literário na sala de aula, Pinto (2012), Candido (2006) em relação à interdisciplinaridade entre a literatura, a história e a sociedade, Pinsky (2010) que trata sobre a vida cotidiana dos escravizados no Brasil e Schwarz (2000) sobre a sociedade escravista brasileira, entre outras referências bibliográficas que servirão de aporte teórico para a execução do nosso trabalho.

Nosso trabalho será desenvolvido em três capítulos. No primeiro, apresentaremos uma visão cronológica de como a literatura vai se constituindo ao longo da história da nossa sociedade, e de como esta pode ser utilizada para contextualizar o momento histórico no qual ela foi idealizada. E, mesmo assim, de como ainda percebemos que ela não tem a valorização que merece. E que, também, aos poucos, veio perdendo espaço nas escolas públicas.

No segundo capítulo, abordaremos como as disciplinas de Literatura e História foram pensadas e introduzidas na nossa educação, através dos documentos oficiais ao longo dos anos. As relações entre os textos literários e seu uso nas aulas história da educação básica, mostrando a importância da interdisciplinaridade. Como podemos perceber que cada vez mais ela está sendo implantada nos currículos escolares. Buscando evidenciar a sua importância quanto papel na contextualização dos fatos, e como estes podem ser melhores compreendidos a partir da visão literária da história.

No terceiro e último capítulo do nosso trabalho, buscaremos mostrar as possibilidades de se trabalhar com a temática da escravidão na perspectiva de algumas obras de Machado de Assis, mas especificamente dois contos, contextualizando-a de acordo com o tema discutido em sala de aula. Fazendo com que o professor de história da educação básica torne mais assíduo o uso da literatura em suas aulas. Levando em consideração a função social que ela traz como aprendizado para os discentes.

2 – CAMINHOS CRUZADOS: LITERATURA E HISTÓRIA

2.1 Literatura: sua importância cultural para as sociedades

Neste capítulo optamos por fazer uma cronologia de como durante todo o processo de transformação das sociedades, estas vão deixando para a posteridade grandes obras literárias, mesmo que ainda não recebesse essa denominação, sejam elas de caráter ficcional ou não. Portanto, apresentaremos algumas obras que são de grande relevância para a educação, e que podem ser utilizadas pela disciplina de História, de modo que as aulas sejam melhores apreciadas. Assim, o principal objetivo deste capítulo é demonstrar que as relações entre texto literário e contexto social estão historicamente entrelaçados.

O professor de história, ao fazer seu planejamento escolar, se depara com algumas possibilidades de ensino que o faz pensar qual a melhor maneira de aplicar aqueles conteúdos para aquela determinada série/ano. Pensando nisso, ele faz alguns recortes para poder melhor elaborar os conteúdos com os quais pretende trabalhar. No entanto, quando são feitos esses recortes, ao utilizar alguma obra literária, para uma melhor contextualização, é natural que alguma irá ficar de fora. Mas isso não quer dizer que as que ficaram de fora não sejam importantes.

Quando pensamos na diversidade de textos literários que hoje temos à disposição, observamos que, “a literatura abre ao infinito essa possibilidade de interação com os outros e, por isso nos enriquece infinitamente. Ela nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e mais belo” (TODOROV, 2009). Isto mostra o quanto a literatura é poderosa, bela e significativa. Como ela nos traz uma visão de outros lugares, outras sociedades, que nem imaginaríamos que existissem.

Pensando em outras sociedades, nos vêm à mente as civilizações da antiguidade. É inegável que elas tenham nos deixado uma diversidade de textos literários, mesmo que estes só passassem a receber essa denominação de “literatura”, séculos depois. O que essas civilizações pretendiam era deixar para a posteridade uma amostra de como viviam, de como eram seus hábitos, costumes, leis, religião, economia, política, sua cultura como um todo:

O interesse dos historiadores pelos textos literários e pelo testemunho que estes podem dar do passado não é recente. Da mesma forma, o interesse dos estudiosos da literatura pela historiografia como instrumento de apoio no traçado dos contextos em que se inserem e aos quais aludem os textos literários também é antigo. (CHIAPPINI, 2000, p, 19).

Essa busca pela literatura leva os historiadores pesquisadores, aos caminhos mais longínquos da sociedade, remetendo-os ao passado para trazer textos literários escritos ainda da forma mais primitiva que a humanidade passou a ter conhecimento. Porém, foi possível se deparar com belíssimos textos literários, se estes eram mitológicos ou não, o mais simbólico para nós é o seu significado, para que pudéssemos entender o que tinha acontecido num passado tão remoto.

Para nós, seres humanos, é inquestionável que os conhecimentos sobre a literatura e história nunca estiveram fora da nossa realidade de vida. Desde os primórdios da humanidade, estas fazem parte do nosso cotidiano, mesmo quando não se fazia nem ideia, nem sentido de que elas eram e ou seriam importantes, e que também pudessem explicar e comprovar a nossa existência, estampadas num caleidoscópio de gêneros textuais, nos mais variados formatos.

De acordo com Chiappini, “Hoje se fala e se publica muito sobre literatura e história. Essas duas palavras se associam frequentemente, como pequenas variações, em títulos de artigos, de livros, simpósios, ou nomeando projetos de pesquisa” (2000, p. 20). E estes trabalhos são fundamentais para o público de ambas as áreas se tornem conhecedores dos textos escritos num determinado tempo presente que virou passado. E estes textos foram tão bem escritos que os seus efeitos repercutem até os dias atuais, e ainda serão discutidos por muito tempo.

Independentemente do período, época em que foram escritos, os textos deixados pelas sociedades do passado, são de fundamental importância para que possamos entender as expressões literárias inerentes à história dessas sociedades. Sem esses escritos, não teríamos condições de conhecer melhor os modos de vida anteriores aos nossos.

Todas as sociedades existentes na história da humanidade, desde as mais antigas, quanto as mais recentes, sempre tiveram marcadas em sua cultura a necessidade de registrar seus feitos, independente de onde e em qual formato iam fazê-lo. E estas não mediram esforços para escrever. E nós que vivemos na contemporaneidade podemos desfrutar e nos debruçar sobre os mesmo para que possamos compreender melhor na sua quase totalidade, pois sempre vão existir as arestas na história, como estas se comportavam.

Sendo assim, começaremos pelas sociedades antigas. Para nós, ocidentais, que temos uma visão dessas sociedades, sendo estas muito eurocêtricas, a história nos mostra que possivelmente umas das primeiras civilizações a se organizar quanto sociedade foi a sumeriana. Esta ficava localizada na Mesopotâmia, na região do atual Iraque. Diversos povos ocuparam a região desértica situada entre os rios Tigre e Eufrates, onde hoje se situa

basicamente o Iraque, como os sumérios, os acadianos, os babilônios e, mais tarde, assírios e hititas (MENDONÇA, 2013, p. 183). Ela foi quem desenvolveu um primeiro sistema de escrita naquela região, que recebeu o nome de “cuneiforme”. Foi a partir do desenvolvimento dessa escrita que os Sumérios começaram a escrever seus primeiros textos, sendo esse todos feitos em tabuletas de argila.

Quando os textos sumerianos foram descobertos e começaram a ser traduzidos, trouxeram à tona toda a sua riqueza literária. A literatura dessa civilização mostrou o quanto eles eram desenvolvidos em vários aspectos. Um dos pontos alto da literatura sumeriana, que ficou conhecido por todos e que ainda é citado e comentado até os dias atuais, é a *Epopéia de Gilgamesh* (2000 a. C.) aproximadamente. Esta obra literária traz uma das grandes narrativas que ficou conhecida pelas sociedades posteriores em outra grande obra, sendo essa religiosa. Além da epopeia ter ficado bastante conhecida, para alguns historiadores ainda serviu de base para outras narrativas.

Sobre esta narrativa Fontes diz:

A Epopéia de Gilgamesh deve ter sido bastante conhecida no segundo milênio antes de Cristo, pois encontrou-se uma versão da narrativa nos arquivos da capital imperial hitita em Boghazköy, na Anatólia, escrita em acadiano semítico; e foi também traduzida para o hitita indo-europeu e para a língua hurrita. Encontraram-se partes da epopéia em Sultantepe, no sul da Turquia-; e um fragmento, pequeno mas importante, descoberto em Megido, na Palestina, aponta para a existência de uma versão cananéia ou palestina mais moderna, o que sugere a possibilidade de os primeiros autores da Bíblia estarem familiarizados com a história. O fragmento palestino vem da tábua que descreve a morte de Enkidu. (FONTES, 2011, p. 8)

Sendo esta narrativa histórica ou literária, mitológica ou não, o mais importante é a maneira como ela chega até seus leitores, visto que carrega em si grande significado para as gerações posteriores. “O que está em jogo no discurso da literatura sobre a literatura não é somente a historicização das categorias que consideramos espontaneamente como universais, mas também a introdução de uma inquietação essencial no que se refere à relação do leitor com o texto.” (CHARTIER, 1999, p. 207)

Falando ainda um pouco sobre as civilizações antigas e a maneira como essas deixaram seus escritos, tem-se a civilização babilônica, que também tem uma literatura muito rica. De acordo com a história, essa foi uma das maiores e mais ricas sociedades da antiguidade. É aqui que se encontra a realização de grandes monumentos, tendo um deles, a construção da torre de Babel. Há também o registro de uma das mais importantes fontes literária religiosa do Ocidente, a Bíblia sagrada.

Em seus escritos, os Babilônicos deixaram para a posteridade um sistema de Leis que ficou conhecido “código de Hamurabi”, que se baseava na Lei de Talião, “olho por olho”, “dente por dente”. E, ainda em sua literatura, os babilônicos procuraram registrar seus grandes feitos, como o episódio que ficou conhecido como “cativeiro babilônico”, que se remete ao momento na história dos Hebreus, quando estes foram levados para a Babilônia como prisioneiros. Esses dois últimos exemplos que citamos podem ser encontrados também na Bíblia sagrada.

Sobre estes episódios pontes relata:

Nabopalassar teve como sucessor seu filho Nabucodonosor, que reinou entre 604 e 562 a. C., e que foi responsável pela tomada de Jerusalém, em 597 a.C., deportando muitos de Judá para a Babilônia e destruindo o templo de Salomão. Nabucodonosor conquistou gradualmente outras tribos e transformou a Babilônia em uma das mais cidades da Antiguidade com largas avenidas, palácios e jardins suspensos. Também durante seu reinado mandou erigir zigurates em forma de pirâmides com vários andares. O mais famoso deles é o Etemenanki que inspirou a Torre de Babel bíblica. (PONTES, 2010, p. 22-23)

Pode-se perceber como a história se apropria da literatura deixada pelas sociedades que nos antecederam para melhor explicar a sua existência. “[...] Quanto aos estudos literários, eles ultrapassam a tese da gratuidade e da autonomia absoluta, concebendo a literatura enquanto constituída pela história e produtora de história”, (CHIAPPINI, 2000, p. 26). Sem estes registros seria quase impossível se ter uma ideia de como estes povos viviam, pois ficaria tudo no campo da especulação, de teorias que muitas vezes se tornam duvidosas quanto a sua veracidade.

Fica claro, a cada momento que passa, que a literatura e a história são inerentes à formação das sociedades. E como vimos na citação acima, é muito significativo a maneira como se deve olhar para a literatura, já que ela também é considerada produtora de história. Mesmo que cada um possa fazer interpretações diferentes em determinadas fontes, estas sempre vão está ao alcance de todos, ou quase todos, para que seja dada a real importância dos fatos ali existentes.

Outra sociedade, que também deixou seus feitos registrados nos mais diversos tipos de documentos, foi a civilização egípcia. A história vai dizer que, possivelmente, esta sociedade que está localizada no Norte da África, é uma das mais antigas civilizações da humanidade. Este povo tinha na sua base ortográfica três tipos de escrita, são elas: a hieroglífica, hierática e a demótica, sendo a principal delas a hieroglífica. Foi com essas escritas que os egípcios deixaram para as sociedades posteriores, com os mais finos detalhes, como este povo vivia.

Foi uma literatura riquíssima que esta civilização deixou. E por mais que as narrativas egípcias tenham um teor mitológico, religioso, o que mais vai importar para a história é o quão significativa ela é para que possamos entender a visão de mundo que esse povo tinha, de como eles se apropriavam dessas narrativas para se manter no poder por longos anos. No que tange à literatura, uma das grandes obras que se tem conhecimento dessa civilização é o *Livro dos mortos*, (1580 a. C), obra esta que mostra como eram os processos de culto à morte realizado pelo povo do Egito antigo.

Aqui entra o papel da história, pois é ela que vai se encarregar de trazer, junto com outras áreas da ciência, o quanto magnífica é a literatura do povo egípcio. Como os achados desses documentos foram importantes para ambas as áreas. Sobre essa diversidade tipológica na qual se encontra a literatura e história, Chartier esclarece:

[...] todo documento, seja ele literário ou de qualquer outro tipo, é representação do real que se apreende e não se pode desligar de sua realidade de texto construído pautado em regras próprias de produção inerentes a cada gênero de escrita, de testemunho que cria “um real” na própria “historicidade de sua produção e na intencionalidade da sua escrita”. (CHARTIER apud BORGES, 2010, p. 96).

De acordo com a citação, entende-se que para a literatura e a história todo documento é importante para que fique registrado comprovando como as sociedades viviam. Como a diz a citação, estes documentos são a “representação do real”. E é através dessas representações que devemos nos ater para entender como tudo funcionava.

Portanto, não importa em qual lugar ou em qual tipo os egípcios deixaram seus escritos, se foi em paredes de templos sagrados, paredes de tumbas, sarcófagos, pirâmides ou papiros. A beleza dos seus registros, a singularidade da sua literatura, é o que tem de mais deslumbrante aos olhos daqueles que tiveram e os que têm o prazer de conhecer.

Para nos manter ainda um pouco no campo da antiguidade, temos mais uma civilização que deixou para a posteridade uma grande obra literária, esta que ultrapassou todos os limites de sua abrangência territorial. A literatura a qual estamos nos referindo são os textos sagrados escritos pelo povo Hebreu. Esse tipo de texto se tornou tão importante que se perpetuou ao longo dos anos e se tornou também um texto fundamental para a cultura literária.

As narrativas literárias hebraicas estão sempre relacionadas aos acontecimentos religiosos que envolveram os mesmos. Os principais textos para nós ocidentais, que relata a maneira como esta sociedade viveu, podem ser encontrados no “Antigo Testamento”, na

Bíblia. Elas foram e são os meios mais significativos de passar adiante tudo que aconteceu na vida desse povo.

A literatura religiosa hebraica se mostrou tão forte que influenciou na literatura e história de outros povos, principalmente os ocidentais europeus e americanos, se perpetuando muito além de seu tempo. Essa literatura é de uma riqueza de detalhes que impressiona e leva a grandes debates:

Nesse sentido, me parece que a questão que hoje ele situa para nós sobre a literatura e a história não poderia ser isolada de uma discussão, que é essa que já vem se dando há alguns anos, a da relação da literatura e da história segundo uma questão nuclear: quando um historiador se ocupa da literatura, a literatura é especificamente documento do quê? Temos geralmente uma resposta muito tradicional, a resposta idealista-empirista das nossas histórias literárias tradicionais, que pressupõe que a literatura é uma espécie qualquer de representação de totalidades prévias, entendidas como empiria acabada em formulações nas quais “real” é objetividade empírica ou estrutura econômico-política, segundo uma concepção que descarta a própria materialidade das práticas de representação que evidentemente também são reais. (CHARTIER, 1999, pp 208-209)

São muitos os textos deixados por esta sociedade e, por meio deles, podemos fazer uma viagem ao seu passado para desfrutar de uma literatura rica, que nos traz os detalhes da vida de um povo, em alguns momentos, lúgubres, e em outros de muita felicidade. É muito importante ter acesso a textos como esses, para poder entender como se deu todo o processo de organização dessa sociedade.

Não sendo diferente dos demais estudos, os historiadores têm de se apropriar destes tipos de textos para que seu trabalho, que é trazer à luz do conhecimento os mais preciosos detalhes das vidas dos nossos antepassados, deixado nos mais belos textos, para aqueles que assim o desejam, e que seja melhor compreendido por todos. “O historiador deve tomar a literatura a partir do tempo de sua escrita, do autor e da época em que foi produzida, tanto se o texto falar de sua época, de uma passada ou futura” (PESAVENTO, 2004 apud BORGES, 2010, p. 101). Sem eles, não haveria como a história trazer para a nossa sociedade uma discussão tão rica.

Outros escritos literários que vão ser muito importantes para a sociedade ocidental é o da literatura da Antiguidade Clássica. Nesse momento da história, temos duas grandes civilizações, uma é a grega e a outra é a romana. Estas deixaram para todos, principalmente para nós que vivemos no Ocidente, um verdadeiro tesouro literário, que nos agrega muitos conhecimentos e que servem de estudos e ensinamentos há muitos séculos. E vão continuar servindo de inspiração para muitos estudos e debates no mundo acadêmico.

A história nos ensina que a civilização grega antiga foi a primeira civilização ocidental. E ela se tornou uma das mais importantes sociedades que conhecemos no nosso hemisfério. Quando ouvimos falar nos gregos antigos, as primeiras coisas que vêm a nossa mente é o que eles nos deixaram como um enorme legado, que ficou marcado de maneira atemporal, este relacionado à mitologia e à filosofia.

Os primeiros textos que podemos relacionar à literatura grega estão ligados à mitologia e, geralmente, as histórias mitológicas estavam ligadas aos deuses gregos. Eles usavam essas narrativas para ensinar a sociedade como os deuses ocupavam o lugar mais importante no universo, de como estes estavam presentes em suas vivências diárias, e de como a sociedade deveria se comportar em relação a eles. Pode-se dizer que a base da organização social dos gregos, nos primeiros momentos de sua existência, estava relacionada à mitologia. Tudo girava em torno da mitologia:

A maioria das religiões e mitologias tem características chave que apontam para algumas das perguntas mais básicas que nós temos feito desde o começo de nosso desenvolvimento como espécie civilizada: preocupações com a mortalidade, o nascimento, a astrologia e a natureza como um todo. Muitas vezes nos voltamos para a natureza como fonte de inspiração para histórias que expliquem o inexplicável, criando divindades a partir do sol, da lua, dos rios, do mar e das montanhas. Ao tentar extrair sentido do irrespondível, temos a tendência a nos subordinarmos a um poder maior, muito acima da nossa compreensão. (DANIELS, 2016, p. 9)

Por mais que as narrativas tenham apenas caráter mitológico na atualidade, elas eram, para a sociedade grega antiga, uma representação do real. Esse diálogo entre a aproximação do ficcional e o real, em maior ou menor grau, sempre fez parte da literatura, sendo ela clássica ou não. No entanto, a preocupação do historiador é transformar essa literatura em um instrumento de pesquisa e trabalho. Elas são fontes históricas muito importantes para que esse profissional adquira propriedade intelectual para poder dialogar com os seus durante sua jornada profissional.

Duas grandes obras deixadas por esta sociedade e que deixou um importante registro cultural, literário, das quais a história se apropria para poder debater e trabalhar no meio acadêmico, são os poemas *Ilíada* e *Odisseia* (séc. VIII e VII a.C.), estes atribuídos ao poeta Homero. Estas duas grandes obras literárias fazem os historiadores viajar no campo do imaginário, para mostrar a beleza da literatura clássica e de como elas são influenciadoras de pensamento na história até os nossos dias.

Sobre as obras Lopes (2013) afirma:

Desta forma, em seu percurso a *Ilíada* e a *Odisseia* atravessaram a Antiguidade latina, os primórdios do Cristianismo, o Império Bizantino, o mundo Árabe, os períodos do Renascimento e da Reforma, os séculos XVII e XVIII, a época do Movimento Romântico, e chegaram até nós, que efetivamente temos o privilégio de analisá-las em várias perspectivas: de que forma Homero pode ter sido lido por Aristóteles e Platão; a visão de Santo Agostinho e os teólogos da Igreja avaliando quanto as histórias daqueles deuses contraditórios e personagens ambivalentes eram, ou não, úteis à propagação da nova fé; como Freud e Jung disputavam no terreno psicanalítico qual a melhor forma de decifrar a carga simbólica presente nos mitos gregos... Não importa se procede ou não, se tais embates são ou não historicamente comprovados, pois a verdade é que essas obras possuem comprovação e representatividade na literatura universal, isto é, o processo de consolidação dessas obras já foi efetivado na lista dos clássicos de todos os tempos. (LOPES, 2013, p. 121)

Ainda no campo da literatura e da filologia grega, temos também os textos escritos por grandes pensadores, que deixaram também para as outras sociedades grandes obras. Este acervo está relacionado ao pensamento da época clássica. Fazendo aqui um pequeno recorte, e citando alguns pensadores, que para muitos são os mais conhecidos, temos Sócrates, Platão e Aristóteles. Apesar de alguns afirmarem que Sócrates não escreveu nada, pois o que se sabe sobre suas ideias, foi escrito por seu discípulo Platão. Entre as obras, só para citar algumas tem-se: *A República*, (século IV a. C.) de Platão; *Poética*, (século IV a. C.) de Aristóteles. A Grécia nesse período estava em um momento muito crítico, as cidades Atenas e Esparta principalmente, estavam em conflito bélico pela hegemonia grega.

Os diálogos e os pensamentos deixados por esses filósofos gregos influenciaram muitas gerações e vão continuar a influenciar. E é impressionante como quando se lê algumas dessas obras, percebemos o quanto esses discursos antiquíssimos são bastantes atuais. É preciso que o professor de história analise esse tipo de texto com bastante atenção, para que seu conteúdo seja repassado com bastante cuidado, para que não seja prejudicado por interpretações equivocados. Com isso Borges (2010, p 102-103), pondera: “Portanto, recorrer à literatura para a produção do conhecimento histórico pressupõe uma reflexão sobre ela, problematizá-la e historicizá-la.” Sem esses procedimentos, não se pode fazer um bom uso desse tipo de literatura, e não há como promover o acesso à classe estudantil desses textos e suas reflexões.

Ainda sobre a literatura na antiguidade clássica, temos os escritos deixados pela civilização romana. E não diferente da civilização grega, ela também se ergueu nos alicerces religiosos da mitologia, apesar de que ela se apropriou da mitologia grega para poder firmar a sua. É perceptível essa relação mitológica das duas civilizações, quando lemos sua literatura e

vemos que os deuses romanos tinham as mesmas características dos gregos, mudando apenas de nomes. Sobre essa ideia Daniels assinala:

Os gregos mantiveram sua hegemonia até começarem a perder terreno (não sem resistência) para os romanos durante os séculos II e I a. C. Não obstante, extraíram tamanha inspiração da civilização grega (e se encarregaram de difundi-la pelo seu próprio império), que o legado dos gregos se estendeu para muito além das suas fronteiras. Na verdade, pode-se afirmar que a mitologia grega foi a que maior influência exerceu sobre o moderno mundo ocidental. (DANIELS, 2016, p. 104)

Esta civilização se transformou em um dos maiores impérios que o mundo conheceu, e ela deixou para as sociedades vindouras um legado literário riquíssimo. A literatura romana está presente tanto no campo da religião, com as narrativas mitológicas, como já comentamos; no campo da política, com a criação de instituições que existem até os dias atuais; no campo da justiça, com a criação de Leis judiciais que são estudadas na contemporaneidade. Isto prova que os diversos tipos de literatura desenvolvidas pela sociedade romana são fontes imprescindíveis para a produção do conhecimento.

Uma obra literária bem escrita terá sempre a possibilidade de se tornar referência para estudos futuros. No caso da civilização romana, uma das obras que vai dar embasamento para que se tenha uma ideia de como possivelmente esta civilização surgiu vai ser a *Eneida* (século I a. C.) de Virgílio. Portanto, sempre que se falar na formação da sociedade romana, a primeira obra a ser citada será, possivelmente, *Eneida*, pois ela é um traço marcante na literatura clássica.

Para a história, o acesso ao acervo literário coopera para a elucidação de vários aspectos sociais e de como se processam as transformações sociais. Como já demonstramos, fica claro que a história se alimenta da literatura para a produção de seus conhecimentos, levando sempre em consideração as singularidades de cada época. –Sobre a concepção da literatura na história Chiapini assinala:

A questão que se coloca não é mais como situar as obras literárias na história, objetos da história literária tradicional, mas como ler a historicidade da literatura na própria forma ou como traçar os elementos comuns a obras de determinados grupos, gêneros ou períodos históricos, sem deixar de dar conta da sua individualidade. (CHIAPPINI, 2000, p. 26).

A maneira como o docente vai historicizar os documentos que chegam até ele vai servir para que possa desempenhar um bom trabalho. Vale ressaltar que os registros literários

são importantes para o trabalho do historiador como fontes ricas em informações de diferentes culturas.

Após o declínio do Império Romano do Ocidente, durante o século V da Era cristã, a sociedade desta parte da Europa passa a viver sob uma nova realidade. O período ao qual estamos nos referindo é a Idade Média. Neste período, as pessoas estavam mais preocupadas com a sua sobrevivência, pois as condições de vida as quais elas estavam à mercê, eram as mais difíceis possíveis.

No que diz respeito à produção da literatura, por um longo período da história no Ocidente, a Igreja Católica exercia uma influência direta sobre a sociedade, e por isso mesmo, quase toda a produção tinha um caráter mais religioso. “De modo que, observa-se em todos os textos medievais, qualquer que seja a facção da sociedade que o tenha produzido, eles estarão sempre contagiados por esse ideário religioso” (SOUZA, 2011, p. 8). Os ensinamentos dessas produções literárias ficavam muito por conta dos clérigos que viviam nos mosteiros.

Nos anos finais da idade Média, a produção literária se tornará muito mais profícua. Duas grandes obras literárias que se tem conhecimento e que podemos aqui citar: *A Divina Comédia*, (século XIV), de Dante Alighieri, e *Decameron*, escrito entre os anos (1348-1353), de Giovanni Boccaccio, com destaque para esta última. A sociedade medieval foi impactada por uma série de acontecimentos que os levou a um momento sombrio de sua história. Um desses ocorridos foi o caos gerado pela peste negra. Em *Decameron*, Boccaccio retrata o que aconteceu nesse momento tão penoso da história. Portanto o historiador pode abordar este fato tanto pelo viés histórico, quanto pelo literário. Para Chalhoub e Pereira (1998):

[...] a proposta é historicizar a obra literária – seja ela conto, crônica, poesia ou romance –, inseri-la no movimento da sociedade, investigar as suas redes de interlocução social, destrinchar não a sua suposta autonomia em relação à sociedade, mas sim a forma como constrói ou representa a sua relação com a realidade social algo que faz mesmo ao negar fazê-lo. (BORGES, 2010. P. 103)

Não há como a literatura escapar a história e a história escapar à literatura. A história vai precisar da literatura e sempre recorrerá a ela para melhor expor suas constatações. Isto é, como diz na citação, “historicizar a obra literária”, é um trabalho minucioso, necessário, para que o docente possa ter êxito na hora de aplicar suas atividades em sala de aula. Isso mostra a beleza da literatura e seu papel social para a sociedade. “O literato não cria nada a partir do nada. Não se faz literatura sem contato com a sociedade, a cultura e a história” (BORGES, 2010, p. 103).

2.2 Literatura e história na Era Moderna: revitalização do estilo literário greco-romano e a nova organização da sociedade ocidental

Depois de um longo período medieval, chegamos à Era Moderna. Nesta fase da história, a sociedade vai entrar numa nova fase de organização social, deixando a vida dura do campo e voltando para as cidades. É aqui que vai surgir um invento que vai impulsionar e fazer com que a produção literária não fique restrita apenas a uma obra por vez. Este será a “máquina de imprensa” de Gutenberg, criada no século XV. A criação dessa máquina vai fazer com que mais obras cheguem a uma parcela maior da sociedade, e assim a comunidade de leitores se torna maior a cada dia. A primeira grande obra literária a ser impressa foi a Bíblia sagrada.

À medida que a sociedade vai se organizando, em termos de pensamentos, os primeiros vislumbres de ideias é trazer de volta o que mais influenciou a sociedade anteriormente ao período da Idade Média. E o que vai se destacar nesse momento será a cultura clássica greco-romana. Os escritos literários da modernidade vão remeter muito ao pensamento clássico, para poder agregar maior valor as suas produções. Mesmo com toda uma crescente produção literária, uma obra ou outra sempre vai ter um maior destaque.

No entanto, não adianta ficar preso somente e tão somente aos acontecimentos/registros históricos. A literatura oferece-nos arcabouço de eventos, mas também nos mostra os mais finos detalhes, que sem um estudo mais cuidadoso passaria ou passa despercebido aos olhos do pesquisador.

O advento da imprensa vai fazer com que a produção e divulgação da literatura ganhe cada vez mais espaço na sociedade moderna. Mas o que vai contribuir bastante para esse crescimento literário é a mudança de pensamento e comportamento desta sociedade. Os diversos fatos que aconteceram e os que vão acontecer no decorrer dos séculos seguintes, vão dar aos seus pensadores um leque de possibilidades para escrever suas teorias enfatizando o que mais estava em alta naquele momento, e expressando assim, seu desejo permanência ou de mudança.

De acordo com Borges (2010, p. 103), “A literatura, como testemunho histórico, é fruto de um processo social e apresenta propriedades específicas que precisam ser interrogadas e analisadas, como qualquer outro documento”. É preciso que se tenha um olhar atento sobre essa literatura, para que esta possa ser aproveitada em todos os seus aspectos. E não fique apenas no campo da intencionalidade, isto é, que o historiador não trabalhe apenas por trabalhar determinada obra, visando apenas e somente o fato histórico.

Como já nos referimos um pouco acima, a Era Moderna está repleta de momentos históricos como a organização das monarquias europeias, que está ligada a uma nova forma de economia com o Mercantilismo, na qual cada monarquia adotava uma das práticas, por exemplo, o metalismo, como fonte de enriquecimento do Estado. Nascia também um novo jeito cultural de ser, de pensar, porém revitalizando culturas anteriores como a grega e a romana, denominado de Renascimento Cultural. Tem-se também o fortalecimento do poder dos Reis com o Absolutismo, caracterizado pelo poder total sobre a sociedade de determinada monarquia; uma ruptura religiosa com a Reforma Protestante, fazendo com que no século XVI surgisse uma nova religião no Ocidente, o Protestantismo cristão, e a descobertas de novas terras com as Grandes Navegações europeias, só para citar alguns. Todos esses acontecimentos serão absorvidos pelo campo literário e demonstraram um novo processo de organização e reconstrução da sua sociedade.

Um dos fatos importantíssimos que vai servir para a propagação da literatura europeia são as expansões marítimas. Essas viagens vão proporcionar aos europeus o contato com outros povos, outros mundos, outras culturas. Esses contatos serviram para mostrá-los que não existia apenas o mundo ao qual eles conheciam. É fato que os primeiros contatos foram muito violentos, pois a imposição das suas forças levaram dizimação a outros povos, consequentemente a sua cultura.

No Brasil, os historiadores vão ter como primeiras fontes literárias para embasar suas pesquisas, no que diz respeito aos primeiros anos da nossa história, as obras que foram denominadas de *Crônicas dos viajantes*, e a *literatura jesuítica*. Inclusive os manuais de literatura, e alguns livros didáticos da Educação Básica, trazem essas crônicas como os primeiros documentos literários produzidos no Brasil. Ainda que seja controverso pensar “em texto literário brasileiro”, não nos aprofundaremos nesse debate.

Uma importante fonte literária para a nossa história, que conta como se deu todo o processo de chegada na nossa terra, é a *Carta de descobrimento do Brasil*, (século XVI), de Pero Vaz de Caminha. E é um documento com o qual todo historiador deveria trabalhar no desenvolvimento do seu trabalho sobre história do Brasil. A ideia é relativizar o ponto de vista eurocêntrico, baseado unicamente na visão do colonizador. É importante problematizar essa fonte a partir também do olhar do colonizado.

A Europa sempre impôs aos seus conquistados sua cultura. Essa imposição é um traço marcante na história do Ocidente, o qual ficou caracterizado como “eurocentrismo”, pois sempre aprendemos a partir deste. Contudo, a literatura brasileira nos apresenta um acervo muito rico, o qual podemos explorá-lo em sala de aula. Pode-se dizer que toda literatura é

subjetiva e que tenha nela uma intencionalidade muito marcante. Sobre isto Borges (2010), vai dizer:

A literatura, como um registro social, uma reflexão e leitura sobre a cultura e suas questões, uma agente que institui um imaginário e uma memória, um produto de criação que envolve memórias e a elas recorre como matéria ficcional, é permeada de intencionalidades. (BORGES, 2010, pp. 105-106)

Essa literatura, como registro social, vai ser uma das grandes marcas características da literatura brasileira. A maneira como seus autores vão discorrer sobre as questões que permeiam a sociedade dessa época, mesmo que seja de maneira ficcional, e com os mais diversos tipos textuais, mostra como estes estavam atentos se não a todos, mas a quase todos os problemas nela existentes. E com isso, vão deixar para nós um acervo literário fantástico. É por esse motivo que selecionamos a obra de Machado de Assis como exemplo, dentre muitos, do entrelaçamento de literatura e história.

É inegável que Machado de Assis foi um escritor realista que gostava de retratar a vida sem deixar de observar a política, a história e a sociedade de sua época. Exemplo disso, segundo John Gledson (1986), são os romances *Quincas Borba* e *Dom Casmurro* escritos praticamente na mesma época e terminados em 1871, momento em que aconteciam eventos históricos como a Guerra do Paraguai, a Lei do Ventre Livre, a fundação do partido republicano, muitos dos temas abordados na escrita machadiana. (COSTA e TEIXEIRA, 2018, p. 118)

Pode-se observar que Machado era um homem que tinha um olhar atento para diversas questões que envolviam a sociedade de sua época, e procurou abordá-las em suas obras. Portanto, além de seu brilhantismo estético, nesse aspecto, temos uma literatura que nos faz refletir sobre os diversos problemas existentes no período em que ele viveu.

Por mais que haja resistência por parte de alguns historiadores, não se pode, a partir destes, todos ficarem indiferentes quanto ao uso das obras literárias. Como diz Chiappini (2000, p. 27), “Mas se há uma tendência da historiografia contemporânea a dissolver as fronteiras entre história e ficção, história e literatura, continua havendo aqueles historiadores que querem desvencilhar-se das sobras literárias”. Não se pode querer ignorar a literatura como fonte junto aos processos históricos, elas são inerentes aos mesmos. A literatura sempre servirá como um excelente suporte para a história:

Resta ao historiador descobrir, ponderar e detalhar sobre as condições de sua produção, as intenções do autor, a forma como ele realiza sua representação e a relação que esta estabelece com o real, as interpretações ou leituras que suscita sua

intervenção como autor, as características específicas da obra e do escritor, da escola em que este concebe seu texto e em que estilo, inserindo-os num processo histórico determinado, em um tempo e lugar. (BORGES, 2010, pp. 103-104).

É muito importante que se pense como são realizadas essas produções literárias. De forma geral, a criação literária reflete o contexto da época em que se insere. Alguns autores escrevem suas obras com muita veracidade os ocorridos naquele momento presente, ou se inserem para que de maneira ficcional, para nos mostrar um pouco da realidade daquela sociedade ao qual ele faz ou fez parte.

No momento de suas produções, muitos autores, possivelmente façam uma reflexão das pessoas que vão ler seus escritos. E esses leitores precisam ter em mãos um texto bem escrito, que o faça refletir de alguma maneira de como todo os aspectos daquele momento no tempo está sendo bem representado naquela obra literária. Sobre esta visão de quem produz e de quem vai ler Chiappini (2000) afirma:

Os estudiosos de literatura tornam-se, então, interessados pelas relações entre literatura e história, tanto do ponto de vista do leitor que se da conta dessas articulações pela leitura quanto do ponto de vista do autor, querendo intervir na História, porque ele faz história, através da literatura. (CHIAPPINI, 2000, p. 26)

Por mais que um historiador ou outro não queira se render, e levar para suas pesquisas as fontes literárias, estas vão ser sempre fontes de investigação do passado ou presente, inspiradoras, que só vem e servem para abrilhantar o trabalho do professor. Portanto, quanto mais valorizada a obra literária for, mais espaço e valor quanto fonte ela irá ganhar na sociedade na qual ela se faz presente, e poderá assim influenciar na literatura de outras sociedades. “O melhor a fazer é reconhecer a força reveladora da perfeição estética na obra literária, em relação aos grandes momentos da História” (CHIAPPINI, 2000, p. 27). É muito importante esse reconhecimento da literatura. Uma fonte histórica dessa grandiosidade não pode ser deixada de lado, ser ignorada.

3. AS ÁREAS DE LITERATURA E HISTÓRIA E SEUS PROCESSOS DE INSERÇÃO NO CURRÍCULO ESCOLAR

3.1 Literatura no currículo escolar: rica fonte de pesquisa para outras áreas de conhecimento

Para que uma determinada área de conhecimento venha e/ou precise se tornar uma disciplina escolar, ela deve passar por um processo de estudos, pesquisas, discussões em congressos ou conferências de educação. De acordo com a aprovação das propostas sugeridas nesses eventos, se faz necessário criar uma lei para que a nova possa fazer parte do currículo escolar. Estes foram os processos pelos quais passaram a Literatura e História. Vale ressaltar que a Literatura não se encontra nos documentos oficiais da educação brasileira como disciplina escolar.

O trabalho com os textos literários na área da língua portuguesa, no ensino básico, ainda é muito deficiente. É uma opção que está sempre em segundo plano. Nas escolas de ensino público, quando vemos a tabela nas Diretrizes Operacionais da Educação com os componentes curriculares, não encontramos o de literatura, mesmo passando por todo o processo para se tornar uma disciplina. Isto porque tudo sobre literatura vem inserido no livro didático da disciplina de língua portuguesa.

A não separação entre língua portuguesa e literatura faz com que esta última não ganhe grande visibilidade. Por mais que o docente trabalhe a literatura em suas aulas, o ensino de gramática sempre tem maior espaço no conteúdo programático. Com isso, a literatura será menos trabalhada, mesmo que ela faça parte da nossa história, como podemos ler abaixo:

Pesquisas como a de Barbosa (2010) revelam que foram os jesuítas norteados pelo método pedagógico humanista no final do século XVI, tendo como base a formação integral e universal do ser humano, responsáveis por introduzirem no Brasil o ensino de Literatura nas escolas por meio das disciplinas denominadas Retórica e Poética. Tais disciplinas significavam “ensinar modelos e principalmente ensinar a imitar”. Este modelo de ensino prevaleceu até meados do século XIX, quando o ensino da Retórica e da Poética foi substituído pela História da Literatura. (COSTA & ZIMMERMANN, 2020, p. 169).

A citação nos mostra que a literatura faz parte do nosso cotidiano de ensino há muitos anos. Mesmo que esta tenha seu início com outras denominações e ou com outros meios de ensino, como no caso, “História da Literatura”, por ter ficado tantos anos dentro dessas características, talvez ela não tenha sido vista como uma particularidade maior por parte de outras áreas de ensino.

Outro ponto que também pode levar outras áreas não consultarem e utilizarem com mais assiduidade os textos literários é o seu caráter ficcional. Alguns docentes, ou pesquisadores, por acreditarem que a ficcionalidade não possa contribuir com a veracidade dos fatos com os quais outras áreas trabalhem, como a história, acabam por deixar de lado o texto literário.

Como podemos perceber, não é porque a literatura tenha esse lado tão ficcional, que não se possa utilizá-la como fonte de pesquisa, e mais um recurso pedagógico, já que ela em alguns momentos traz em seus escritos semelhanças com a realidade. “A literatura traz a tona questões humanas, dos sentimentos e das emoções, permitindo que o leitor se sinta na pele de personagens, identificando-se com eles”, (ZECHLINSKI), 2003, p. 8). Esse papel que a literatura exerce sobre o ser humano é fazendo com que ele se sinta parte dela é de grande riqueza.

Seria muito importante que essa área de ensino fosse vista com outros olhos por parte das equipes que pensam a nossa educação pública. Não se pode deixar uma área dessa importância em segundo plano, pois, como já nos referimos no capítulo anterior, a literatura já faz parte da nossa trajetória existencial e educacional há séculos.

O primeiro passo que devemos dar para que possamos compreender como é realizado o ensino de literatura na educação básica, e como esta está inserida no currículo escolar, é fazer uma busca em um dos documentos mais importante para a educação no Brasil, na atualidade, que é a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Sobre literatura encontramos:

Para que a função utilitária da literatura... possa dar lugar à sua dimensão humanizadora, transformadora e mobilizadora, é preciso supor – e, portanto, garantir a formação de – um leitor-fruidor, ou seja, de um sujeito que seja capaz de se implicar na leitura dos textos, de “desvendar” suas múltiplas camadas de sentido, de responder às suas demandas e de firmar pactos de leitura. Para tanto, as habilidades, no que tange à formação literária, envolvem conhecimentos de gêneros narrativos e poéticos que podem ser desenvolvidos em função dessa apreciação e que dizem respeito, no caso da narrativa literária, a seus elementos (espaço, tempo, personagens); às escolhas que constituem o estilo nos textos, na configuração do tempo e do espaço e na construção dos personagens; aos diferentes modos de se contar uma história (em primeira ou terceira pessoa, por meio de um narrador personagem, com pleno ou parcial domínio dos acontecimentos); à polifonia própria das narrativas, que oferecem níveis de complexidade a serem explorados em cada ano da escolaridade; ao fôlego dos textos. (BRASIL, 2017, p. 138).

Todas as abordagens que a citação traz para se trabalhar com a literatura, como ela pode ser bem explorada por seu mediador, nesse caso, o professor, é muito importante. Mas para que todo esse trabalho não seja feito apenas pelo profissional de língua portuguesa que já tem muitas outras atribuições, é muito importante que outras disciplinas também possam

aderir a metodologia de trazer a literatura para sua área, já que ela ainda não faz parte do nosso currículo como disciplina. Mas essa é uma problemática que precisa ser melhor discutida, pois a partir do momento que uma área é colocada em primeiro plano, no sentido educacional, ela passa a ter com isso uma importância maior no seio da produção de conhecimento.

Na BNCC ainda podemos encontrar algumas competências e habilidades que servirão de procedimentos norteadores para que o professor possa melhor trabalhar com os textos literários. Uma das habilidades para o ensino Médio é:

(EM13LP52) Analisar obras significativas das literaturas brasileiras e de outros países e povos, em especial a portuguesa, a indígena, a africana e a latino-americana, com base em ferramentas da crítica literária (estrutura da composição, estilo, aspectos discursivos) ou outros critérios relacionados a diferentes matrizes culturais, considerando o contexto de produção (visões de mundo, diálogos com outros textos, inserções em movimentos estéticos e culturais etc.) e o modo como dialogam com o presente. (BRASIL, 2017, p. 526)

Por mais que a habilidade acima seja para trabalhar com literaturas, a sua referência já nos mostra que ela está inserida na disciplina de língua portuguesa, e não especificamente numa disciplina de Literatura. Isto é, nem a BNCC aponta para a necessidade de uma individualização do objeto literário, de modo que pudesse ser melhor desenvolvido. E pode-se comprovar isso com a não criação da disciplina, pois ela não existe nos currículos das escolas públicas, tanto na esfera municipal quanto estadual, ao menos não no nosso Estado da Paraíba.

No entanto, muitas instituições de ensino de caráter privado, dividem a disciplina de Língua Portuguesa e Literatura, de modo que o texto literário pode ser melhor trabalhado em sua especificidade. Portanto, se essa prática também for adotada pelas instituições públicas, todos só tem a ganhar.

3.2 História no currículo escolar: as possibilidades de trabalho com a literatura através da interdisciplinaridade

Nas escolas públicas da educação básica, a disciplina de história é ofertada oficialmente, fazendo parte da grade curricular das suas instituições. Mas para se chegar definitivamente a ter um conteúdo voltado para a área de história, a disciplina passou por vários processos de adequação, recebendo inclusive outras denominações como Estudos Sociais. Esse hibridismo disciplinar se desenrolou por vários anos. E a maneira como os

responsáveis pensavam a disciplina mostra como eles aderiram às experiências vindas Estados Unidos. “Nos anos de 1930, no interior do movimento de renovação educacional, o educador Anísio Teixeira publicou uma proposta de ensino de Estudos Sociais inspirada no modelo americano” (FONSECA, 2009, p 18).

Cada vez mais, a nova área de ensino adotada foi tomando corpo e tudo era pensado para que se tornasse oficial. “Na década de 1960 os Estudos Sociais passam a ser considerada disciplina obrigatória na escola primária e disciplina optativa no ensino médio, de acordo com a Lei de diretrizes e Bases de 1961”. (FONSECA, 2009, p. 19). Assim fica claro que, para a época, este era o melhor meio de passar conhecimento para os educandos. Os documentos oficiais desse período atestam esse pensamento, como Fonseca (2009) nos apresenta em seu livro:

[...] a organização das propostas curriculares de Estudos Sociais em círculos concêntricos tinha como pressuposto que os estudos sobre a sociedade deveriam ser vinculados aos estágios de desenvolvimento psicológico do aluno, devendo, pois, partir do concreto ao abstrato em etapas sucessivas. Assim iniciava-se o estudo do mais próximo, a comunidade ou o bairro, indo sucessivamente ao mais distante, o município, o estado, o país, o mundo. Os conteúdos ordenados, hierarquicamente, deveriam respeitar a faixa etária do aluno, por isso a história do mundo não deveria ser ensinada na escola primária, por ser considerada distante e abstrata (FONSECA, 2009, p. 20).

As orientações em questão são referências para o componente de história, embora, na época, estivessem inseridas como normas para uma disciplina com outro nome. A maneira como se enxergava o ensino de história para os diferentes níveis de ensino, era bem distinto do que temos na atualidade. Essas noções de ensino foram adotadas por muitos anos. Só a partir da década de 1990, que as propostas para as práticas de ensino foram mais direcionadas propriamente para a disciplina de história.

Contudo, no que se diz respeito para o uso de fontes que pudessem melhorar o ensino aprendizagem do componente, o pensamento dos organizadores e dos órgãos competentes para pensar a disciplina não mudou muito. Zechlinski (2003, p. 9) assinala que “o ensino de história desde que foi implementado na escola brasileira, se apresentava através dos moldes positivistas e dos conceitos da Ciências Moderna”. As fontes usadas para ensino sempre foram aquelas consideradas históricas oficiais. Sobre esse tipo de documentos lemos;

Para essa historiografia tradicional, a história era vista como algo do passado e uma das preocupações maiores do historiador era a de verificar a autenticidade do documento, como se o documento, sendo autêntico, pudesse guiar o historiador na busca da verdade histórica. (OLIVEIRA, 2012, p. 19).

Esta percepção, por parte de quem pensa o ensino de história, de que só se pode fazer e ensinar através dos documentos históricos, sejam eles escritos ou não, faz com que outras fontes sejam descartadas. Isto porque, “o ensino positivista ensinava que a verdade sobre o passado era aquela única, pois estava devidamente comprovada nos documentos” (ZECHLINSKI, 2003, p. 9).

A maneira como o ensino de história é pensado para ser realizado nas escolas deixa claro que a preocupação é fazer com que os alunos compreendam os fatos históricos, a partir das fontes consideradas oficiais, que atestam aos mesmos a veracidade quanto ao ocorrido em determinada época e ou período.

O componente curricular de História, na educação básica, é uma área das ciências humanas que possibilita ao seu ministrante trabalhar com um grande arcabouço de fontes documentais. No entanto, estas não vêm inseridas nos documentos oficiais que norteiam as bases da educação para o trabalho com essa disciplina, desde os documentos mais antigos, como os PCNs, até os mais atuais como a BNCC. Sobre fontes e documentos a BNCC (2017) traz:

O segundo procedimento diz respeito à escolha de fontes e documentos. O exercício de transformar um objeto em documento é prerrogativa do sujeito que o observa e o interroga para desvendar a sociedade que o produziu. O documento, para o historiador, é o campo da produção do conhecimento histórico; portanto, é esta a atividade mais importante a ser desenvolvida com os alunos. Os documentos são portadores de sentido, capazes de sugerir mediações entre o que é visível (pedra, por exemplo) e o que é invisível (amuleto, por exemplo), permitindo ao sujeito formular problemas e colocar em questão a sociedade que os produziu. (BRASIL, 2017. p, 418).

Por mais que as orientações digam que é “o exercício de transformar um objeto em documento é prerrogativa do sujeito que o observa”, e mesmo deixando em aberto quanto aos tipos, os exemplos que ela traz não fazem referência nenhuma ao uso de obras literárias. Com isso, o docente, ao ler essas diretrizes, não vai ter a preocupação de usar as obras como fontes de trabalho. E isto, de certa maneira, vai fazer com que o professor tenha que trabalhar quase que apenas com o material de referência, que é o livro didático.

Com a utilização apenas do livro didático, o professor enfrenta uma problemática há tempos discutida. “O livro didático apresenta uma história pronta, acabada, que não oferece espaço para construção de conhecimento histórico na sala de aula” (CAIMI, 1999, apud. ZECHLINSKI, 2003, p 10). Dessa maneira, o que acontece na sala de aula é apenas uma reprodução dos fatos. E como os alunos não vão produzir nada de novo, diz-se de que está é,

segundo Paulo Freire, *Pedagogia do Oprimido* (2005), uma educação bancária, em que os alunos só recebem informações, sem interação e discussão dos conteúdos apresentados.

Mas, ao dar início na sua carreira como docente, um dos primeiros instrumentos de trabalho que é apresentado é o livro didático. O profissional recebe uma coleção para as séries/anos com as quais irá trabalhar. Isto faz, de certa maneira, com que o professor se torne dependente dela, pois é com esse material que ele irá preparar seus planos de aulas ou de cursos. Se não houver iniciativa do professor, ele terminará preso ao livro, tendo este como o único documento que servirá de fonte de pesquisa e trabalho. Vale ressaltar que esse instrumento de trabalho é de muita importância para o professor

Sobre essa dependência, e a falta de incentivo ou orientações para a utilização de outras fontes, Zechlinski afirma:

Se não houvesse esta dependência, os professores poderiam introduzir em suas aulas novos temas e novos instrumentos de ensino, como proporcionar a leitura de obras literárias na aula de história. Na sala de aula, a leitura de obras ficcionais juntamente com uma discussão desenvolvida na aula de história, poderia proporcionar aos alunos mais prazer em estudar e um entendimento diferenciado dos processos históricos que a literatura pode trazer, com reflexão e imaginação. (ZECHLINSKI, 2003, pp 10-11).

A autora traz uma ótima reflexão sobre a utilização de outras fontes por parte dos docentes de história. Com isso, o professor abre um leque de possibilidade de se discutir sobre um determinado conteúdo abordado em sala de aula, fazendo assim, com que a aula se torne mais rica e dinâmica. A interação entre os participantes se torna muito mais proveitosa, enriquece as aulas e valoriza o trabalho do professor.

Essa dinâmica de trabalho com a literatura mostra o quanto ela tem um poder transformador, independentemente do momento histórico. Como diz Candido (2006, p. 53): “A grandeza de uma literatura, ou de uma obra, depende da sua relativa intemporalidade e universalidade, e estas dependem por sua vez da função total que é capaz de exercer, desligando-se dos fatores que a prendem a um momento determinado e a um determinado lugar”.

Ao trazer o método de utilizar fontes de outras áreas de conhecimento, neste caso, a literatura, o professor está adotando a tão desejada interdisciplinaridade. Por mais que seja um método muito recorrente nas áreas da educação, não era tão tratado e posto em prática como nos dias atuais. Atualmente esta é uma maneira de trabalhar que já vem se inserindo na prática pedagógica com mais evidência. Aqui está a importância do trabalho do professor com os

textos literários, ao qual chamamos de interdisciplinaridade, o que é uma prática inerente ao trabalho docente.

Entre as práticas curriculares de ensino-aprendizagem que encontramos na BNCC (2017, p. 16), tem-se: “decidir sobre formas de organização interdisciplinar dos componentes curriculares e fortalecer a competência pedagógica das equipes escolares para adotar estratégias mais dinâmicas, interativas e colaborativas em relação à gestão do ensino e da aprendizagem”. A BNCC faz referência à interdisciplinaridade, no entanto, ao mencionar as áreas específicas de cada componente e da orientação quanto ao uso de fontes e documentos, como já vimos anteriormente, esta refere-se às opções do próprio componente, o que parece ser um pouco contraditório. Mesmo assim, é com esta implementação e ampliação curricular que o professor de história tem a liberdade de usar os textos literários como fontes em suas aulas, mesmos que estes não estejam explícitos na sua área de atuação, de acordo com o documento.

Ainda sobre a interdisciplinaridade, para D’ávila (2011) diz: “interdisciplinaridade é uma ação voltada à integração de conteúdos antes divididos em um único e novo saber, para proporcionar aos estudantes várias perspectivas sobre determinado assunto, estimular o pensamento e causar reflexões”. Para os novos métodos de ensino, é fundamental esse trabalho interdisciplinar. Ele está presente em todas as áreas de ensino.

Para reforçar o que aqui discutimos, citamos o autor Ítalo Calvino:

[...] a escola deve fazer com que o aluno conheça bem ou mal um certo número de clássicos. Mas o que acontece no dia-a-dia da escola brasileira é que a divisão disciplinar atual não permite tempo suficiente para que isso seja possível na aula de literatura. Dessa forma, a integração dos conteúdos, ou apenas a interdisciplinaridade das aulas de história e literatura, e, por que não, de português, geografia e filosofia, contribuiriam para mudar esse quadro. (CALVINO apud ZECHLINSKI, 2003, p. 11).

Como podemos perceber na citação, a autora levanta uma problemática enfrentada pelas “escolas brasileiras”, a falta de tempo para trabalhar com as obras clássicas nas aulas de literatura. Esta é uma situação que acontece até hoje, principalmente nas escolas públicas. Como já vimos anteriormente, nessas instituições não existem o componente curricular de Literatura, já que ela está inserida no de língua portuguesa.

Portanto, fica claro que a maneira de tornar esse trabalho melhor realizado, é utilizar de outros componentes curriculares através da interdisciplinaridade, como o de História, para que os alunos possam também ter acesso aos textos clássicos, se não na íntegra, ao menos,

partes deles. Dessa forma, “a ligação entre história e literatura contribuiria para que os alunos entendessem melhor o sentido da literatura na sociedade” (ZECHLINSKI, p. 11 2003).

3.3 A contribuição dos textos literários nas aulas de história

Nos dias atuais, a educação escolar tem colocado em prática o uso de várias fontes documentais para que as disciplinas possam ser melhor trabalhadas, e para que o professor tenha um maior conteúdo à sua disposição para desempenhar suas atividades com um número maior de informações para seus alunos. É assim que se pode proporcionar a eles um melhor aproveitamento cognitivo.

Conforme já apresentamos, nosso trabalho pretende reforçar a discussão do uso da literatura como fonte e suporte interdisciplinar na disciplina de história. Embora não seja a única Sabemos que história é uma das disciplinas da área de humanas que mais tem em suas temáticas um elo com a literatura, portanto, a utilização do texto literário pode fazer uma melhor contextualização dos seus conteúdos. Sobre o uso da literatura, Santos e Silva (2020) afirmam:

Dentre as fontes que foram inseridas neste arcabouço encontra-se a Literatura, deixada por muito tempo de lado por grande parte dos historiadores, devido ao seu caráter ficcional. Desde o século XIX, a literatura pauta-se profundamente na relação de sua produção com o social. Relação essa, que se apresenta quase que intrínseca à História. (SANTOS E SILVA, 2020, p. 253).

Por mais que a literatura tenha sido deixada de lado por um tempo, como diz a citação, ela sempre foi muito importante para o meio educacional independente das suas características. E não se pode negar que ela sempre foi uma das grandes fontes de transmissão de conhecimento. E, sendo assim, é importante que o professor de história a utilize, e que esta seja e continue sendo apreciada em várias disciplinas.

Sobre a relação entre literatura e história, Pinto diz que:

Não é de hoje que a literatura atrai os historiadores. E o uso dos textos ficcionais no ensino de história não é novidade. Em quase todos os livros didáticos há propostas de trabalho que se dispõem a trazer textos literários, mesmo que estes sejam pequenos recortes, para a aula de história. (PINTO, 2012, p.13).

O uso dos textos literários nas aulas de história da educação básica, sejam eles de literatura estrangeira ou brasileira, tem uma importância muito significativa para ambas as áreas de ensino. Primeiro, fará o discente ter a oportunidade de conhecer grandes obras e consequentemente se apropriar delas para melhorar seu nível cognitivo. Segundo, é uma

excelente fonte de conhecimento que o professor de história pode utilizar sempre em suas aulas.

A literatura se encontra em um patamar que lhe permite ser trabalhada como recurso pedagógico, como fonte de conhecimento mais propriamente falando, sem ter a preocupação se ela é relatora da realidade ou não. “Desde Aristóteles a literatura é *imitação* da realidade, se constituindo através da *verossimilhança*, ou seja, não é a verdade, nem a realidade em si, mas tem equivalência na verdade, expressa semelhanças com a verdade”. (ZECHLINSKI, 2003, p. 7). Essas características, independente da sua intenção faz com que a ela possa servir como um subsídio para a contextualização de um determinado fato histórico. Para Zechlinski (2003):

Há obras que contam histórias muito pessoais e únicas ou histórias fantásticas. Por outro lado, inúmeras obras expressam, através da trama e dos personagens, valores, visões de mundo, pensamentos de grupos sociais, relações sociais e políticas localizadas no tempo e no espaço. É preciso destacar, ainda, que mesmo em histórias fantásticas às vezes é possível perceber uma crítica social ou uma relação com a história. (ZECHLINSKI, 2003, p. 7).

Partindo desse princípio, fica claro que o uso da literatura será sempre um recurso pedagógico que pode ser inserido nas práticas de ensino da disciplina. E quando nos referimos à educação básica, acima citada, estes estudos estão voltados tanto para o ensino fundamental, quanto para o médio, pois é neste nível de ensino que o professor de história enfrenta grandes desafios no que diz respeito a levar e produzir conhecimentos entre os discentes.

Mas, para que isso também seja possível, é muito importante que os textos literários sejam muito bem trabalhados em sala de aula. E, em muitos casos, não é isso que acontece, pois se o ensino da literatura já é deficiente na disciplina de língua portuguesa, em outras disciplinas não seria diferente. É aqui que entra a preocupação sensível do docente de história, assim, ele pode mostrar que a literatura pode ser usada em qualquer área. Sobre essa problemática do ensino de literatura na educação básica, vejamos o que diz Cosson (2009):

No ensino fundamental, a literatura tem um sentido tão extenso que engloba qualquer texto escrito que apresente parentesco com ficção ou poesia. O limite, na verdade, não é dado por esse parentesco, mas sim pela temática e pela linguagem [...] No ensino médio, o ensino da literatura limita-se à literatura brasileira, ou melhor, à história da literatura brasileira, usualmente na sua forma mais indigente, quase como apenas uma cronologia literária, em uma sucessão dicotômica entre estilos de época, cânone e dados biográficos dos autores (COSSON, 2009, p.21).

É perceptível o olhar crítico do referido autor sobre o ensino de literatura, pois, por mais que a literatura esteja presente em diversas áreas de conhecimentos, mesmo assim ela não recebe a devida importância. levando em consideração que o ensino de literatura tem essa problemática, precisamos buscar meios para que a ela seja melhor aproveitada.

O trabalho do professor de história poderia ser ainda mais rico se usasse com mais frequência os textos de literatura para ajudar na contextualização dos conteúdos trabalhados. Porque fica claro que a literatura nos mostra um grande leque de possibilidades, pelo qual podemos ampliar a visão de mundo de nossos alunos, levando-os a enxergar novos horizontes. Sobre este olhar para a literatura, lemos em Todorov:

[...] a literatura amplia o nosso universo, incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo. Somos todos feitos do que os outros seres humanos nos dão: primeiro nossos pais, depois aqueles que nos cercam; a literatura abre ao infinito essa possibilidade de interação com os outros e, por isso, nos enriquece infinitamente. (TODOROV, 2009. p. 23-24).

De acordo com a citação, essa ampliação do universo que a literatura possibilita ao ser humano, dá ao mesmo um grande arcabouço de conhecimentos. Isto fará com que ele procure cada vez mais a busca pelo interesse em ter acesso ao conhecimento dos textos literários. “A literatura traz à tona questões humanas, dos sentimentos e das emoções, permitindo que o leitor se sinta *na pele* de personagens, identificando-se com eles. Através da imaginação, sua narrativa faz com que o leitor se transfira para o ambiente onde se desenrola a história” (ZECHLINSKI, 2003, p. 8, grifo do autor). Isso é o que tem de belo nos textos literários. E este sendo bem aproveitado nas aulas, fará uma ponte com o fato histórico em si. assim, o docente só tem a ganhar.

A literatura precisa ser melhor trabalhada. O docente de história se preocupa em trabalhar os conteúdos específicos da sua disciplina e, mesmo com todas as possibilidades, parece não perceber que os textos literários estão ao seu alcance, possibilitando-o a este trabalhá-los em suas aulas. Mesmo que um dos seus instrumentos de trabalho, o livro didático, não o oriente sobre o uso dos textos, esta tem que ser uma prática recorrente por parte do docente. Pois isto fará com que a literatura ganhe cada vez mais espaço na educação básica.

A não utilização das fontes literárias como recurso didático, pode também ser prejudicada por falta da não indicação dessas fontes nas coleções didáticas. Em uma das últimas coleções para o quadriênio (2020-2023), *História: sociedade e cidadania*, da editora

FTD Educação, o que mais encontramos como indicação direta, foram apenas sites de pesquisa para que os alunos assistam algum tutorial na internet.

Ainda sobre a literatura nas aulas de história, Santos e Silva citam Pesavento-que diz: “História e Literatura se aproximam de tal forma que é bastante complexa a tarefa de tentar dissociá-las, pois para os pressupostos da História Cultural, narrativas, sejam elas literárias ou históricas, constroem uma representação sobre a realidade” (PESAVENTO apud SANTOS; SILVA, 2003, p.71). Com isto, podemos citar alguns exemplos de obras ou textos literários que contribuem diretamente com a disciplina de história, para um melhor entendimento dos assuntos abordados em sala de aula.

O professor, ao trabalhar com o conteúdo das Grandes Navegações Europeias, e discorrer sobre a chegada dos portugueses na América, mais especificamente a “Descoberta do Brasil”, (apesar que no documento se encontra o termo “achamento”), tem como fonte a *Carta de Pero Vaz de Caminha*, a qual já nos referimos anteriormente. Esse texto que deve ser explorado, com olhar crítico e atento para a visão unilateral/ eurocêntrica do documento, para explicar como se deu o processo e os primeiros momentos na nova terra.

Ao trabalhar com um conteúdo como a escravidão, discorrendo sobre o tráfico de pessoas escravizadas, o professor tem várias fontes literárias para lhe auxiliar na contextualização, uma delas seria a obra o *Navio negreiro* (1869), de Casto Alves. Ainda mantendo o tema escravidão, mas agora na perspectiva da relação dos donos de fazendas com seus escravizados, o professor tem obra como *A escrava Isaura* (1875) de Bernardo Guimarães. Mesmo que o enredo da obra seja outro, ela nos traz uma visão de como era a vida dos escravizados nesses ambientes. Para dar um maior destaque a temática escravidão, pois ela foi um fato marcante, triste, na história do nosso país, utilizaremos mais adiante em nosso trabalho algumas referências da obra de Machado de Assis.

No período de transição entre o Segundo Reinado e a Primeira República, a disciplina de história traz para a sala de aula uma abordagem sobre as questões que levaram ao fim do período acima citado e o início do outro. Dentre as três principais questões abordadas nos livros didáticos, que fazem parte desse momento, está a social. E, aqui, o professor tem para melhorar a discussão uma fonte literária de grande valor, que é *O Cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo. A referência que esse romance faz aos problemas sociais da época, com certeza irá contribuir bastante e enriquecerá a discussão sobre a temática.

Dentre os diversos fatos que ocorreram durante a Primeira República do Brasil, está a Guerra de Canudos, ocorrida no interior da Bahia. Aqui a história tem seu jeito de narrar os fatos que lá aconteceram devido aos documentos considerados oficiais atestarem a sua

veracidade. Contudo, para que o professor possa dar um melhor dinamismo a sua aula, pode recorrer à literatura e trazer para os seus alunos a grande obra de Euclides da Cunha, *Os sertões* (1902). Por se tratar de uma obra de grande extensão, seria interessante o docente selecionar alguns capítulos que possam dialogar com o período histórico em debate na sala de aula. “Proporcionar aos estudantes a leitura de boas obras literárias, além de fazer com que o aluno desenvolva o gosto pela leitura, desenvolve sua constituição como ser humano, cujos valores e intenções dependem em muito das influências da juventude” (ZECHLINSKI, 2003, p. 11).

Outra temática que os professores sempre trazem para as discussões em sala de aula são os dois principais conflitos armados que ocorreram durante o século XX, na Europa. O primeiro grande conflito a ser discutido é a Primeira Grande Guerra. Como todo e qualquer fato histórico que impacta a humanidade, existe uma série de documentos oficiais que auxiliam o docente a trabalhar sobre o conflito. Porém, não só os documentos oficiais, mas a literatura oferece uma obra, *Catástrofe, 1914: a Europa vai à guerra* (2014), de Max Hastings, dentre tantas outras, que também podem auxiliar o professor nesse debate.

Se o professor for trabalhar com a temática sobre a Segunda Guerra Mundial, ele terá a sua disposição uma enorme série de fontes documentais que o ajudaram na contextualização acerca do que foi este grande fato histórico para a humanidade. Devido a esta grande quantidade de documentos, ele não pode ficar dependente apenas do livro didático, como já nos referimos anteriormente. Sendo assim, para uma ainda melhor abordagem sobre o conteúdo apresentado, o docente pode ir buscar na literatura uma obra como, *O Diário de Anne Frank* (1947), de autoria da própria Anne Frank, só para citar uma dentre as várias obras que existem sobre a guerra.

Um fato histórico muito marcante, principalmente na vida dos sertanejos, é a fome e a seca. E este fato não aconteceu de maneira mais alusiva apenas uma vez na história do Brasil. Os livros didáticos, muitas vezes, trazem esse assunto de maneira muito sutil, dando-lhe pouco destaque, mesmo sendo um problema tão recorrente na nossa sociedade. E aqui, mais uma vez, entra o importante papel da literatura para contribuir com essa temática. O professor pode trazer para a sua aula, a grande obra de João Cabral de Melo Neto, *Morte e Vida Severina* (1955), e, com isso, fazer com que os alunos tenham um melhor entendimento sobre este momento lamentável para nossa história. A lista de textos literários seria exaustiva, indicamos apenas alguns exemplos com clássicos da literatura.

O texto literário é, sem dúvida, um dos grandes suportes para nós, professores. Não se pode negar a sua importante contribuição em todas as áreas do conhecimento, como observamos na citação abaixo:

Utilizar obras ficcionais que são historicamente contextualizadas, os chamados romances históricos. São narrativas em que o autor escreve sobre um outro período histórico, proporcionando ao leitor ao mesmo tempo o conhecimento de aspectos daquele período e a reflexão sobre ele, podendo também possibilitar uma reflexão geral sobre a sociedade e as atitudes humanas. (ZECHLINSKI, 2003, p. 13).

É preciso que o professor, ao fazer o planejamento das suas aulas, coloque essas fontes como referências também como metodologia de trabalho, para ensinamentos futuros. Como dizem Santos e Silva, (2020. P. 259) “No caso, ao utilizar a literatura, o historiador passa a ver a mesma com outros olhos: não como algo feito pelas mãos de uma pessoa obedecendo um certo padrão estético para ser comercializado ou lido por determinado grupo”. E ver a literatura com outros olhos como diz o referido texto, faz com que o docente busque cada vez mais utilizá-la.

Esta aproximação entre história e literatura, que o texto acima se refere, é um excelente meio de transmitir aos discentes uma visão da sociedade que, muitas vezes, eles não conhecem ou entendem. Muitas vezes, os alunos entendem o ensino de história como simplesmente uma forma de se remeter ao passado para poder compreender o presente, isto porque há muito tempo é o que é repassado para eles. Contudo, se o professor puder dinamizar esse ensino, utilizando-se também de outras fontes, os alunos vão perceber que o ensino de história vai muito mais além de entender apenas só o passado. Nesse sentido, estamos de acordo com Correia:

A partir de um trabalho sistematizado com as fontes, nas quais os parâmetros de análise estão bem definidos, os alunos podem compreender a existência das múltiplas explicações históricas, pois o conhecimento histórico é fruto de seleções, sem, no entanto, cair em ceticismos ou relativismos bem como desenvolver nos alunos conceitos como probabilidade, incerteza, função, causalidade múltipla (ou não causalidade), relações não-simétricas, graus de diferença e incongruência (ou diferença simultaneamente apropriada). (CORREIA, 2012, p. 192)

Portanto, tudo que seja voltado para que o entendimento e crescimento cognitivo do discente, é pertinente ser aplicado em sala de aula, pois esse crescimento faz com que eles se sintam mais inseridos na sociedade fazendo parte dela como seres sociais importantes, como são de fato.

4. ESCRAVIDÃO NA PERSPECTIVA DAS OBRAS MACHADIANAS

4.1 Machado de Assis e sua importância para a cultura literária

Neste capítulo, trataremos do tema da escravidão em dois contos do escritor brasileiro Machado de Assis. Faremos uma abordagem no que diz respeito à dominação e ao poder dos donos de escravizados em relação aos seus dominados. Porém, será um recorte específico do final do século XIX. Essa perspectiva de estudo será feita através do olhar perspicaz e minucioso do narrador machadiano.

A obra de Machado de Assis é uma fonte de grande valor cultural para nossa história e, sobre esse episódio escravagista que deixou profundas marcas, o autor nos dá uma possibilidade de voltar ao passado para entender como era a vida desses seres humanos que tinham seus destinos marcados pelos mais duros infortúnios que uma pessoa pode sofrer, até mesmo depois de terem conseguido sua liberdade.

Como abordamos nos capítulos anteriores, a literatura pode ser um valioso instrumento de valor documental para que a história possa melhor interpretar o passado. Sobre esse trabalho em conjunto Santos assinala:

É desta forma que as duas disciplinas (História e Literatura) se aproximam, como versões, representações e narrativas do real, do que poderia ter acontecido; porém, existe uma diferença primordial. ...cabe à História o papel de registrar o acontecimento autorizado, aquele que passou por uma análise científica, enquanto a Literatura não tem esse compromisso. Vale lembrar que, apesar dessa diferença, a História utiliza-se da Literatura como outra forma de entrar no “clima” de uma época. Portanto, a Literatura pode e deve ser utilizada como documento histórico, capaz de revelar as mudanças e permanências da sociedade de uma época, assim como qualquer outro documento histórico. (SANTOS, 2009, p.10).

Como a literatura de Machado de Assis é riquíssima em diversos aspectos, ela pode ser muito bem utilizada como “documento histórico”, como diz a citação acima, para que possamos ter conhecimento de fatos que aconteceram na nossa sociedade, neste caso, especificamente no final do século XIX. Além do seu valioso aspecto estético, a reconstituição da sociedade de sua época levou Machado a se tornar um dos nomes mais importantes da nossa literatura.

Para que possamos conhecer melhor quem foi Machado de Assis, faremos uma breve apresentação. O autor é natural da cidade do Rio de Janeiro, nascido nos anos de 1839, e nela viveu até 1908, ano do seu falecimento. Filho do senhor Francisco José de Assis e da senhora

Maria Leopoldina Machado de Assis. Mesmo sendo de família humilde, ele se dedicou aos estudos e conseguiu se destacar ainda muito jovem. Aos 15 anos de idade, publicou sua primeira obra literária, “o soneto “À Ilma. Sra. D.P.J.A.”, no Periódico dos Pobres, número datado de 3 de outubro de 1854.” (COSTA e TEIXEIRA, 2018, p. 118).

Dentre os vários escritores da literatura brasileira, Machado de Assis, mesmo com todas as características adversas que podem fazer com que uma pessoa não consiga alcançar grandes objetivos na vida, “Negro, pobre, gago, epilético, ainda assim, o escritor conseguiu se transformar no nome de maior peso na literatura brasileira, sendo o mais completo e complexo dos nossos artistas” (SOARES, 2020). Machado se destacou em várias categorias como jornalista, contista, cronista, romancista, poeta e teatrólogo. “É o fundador da cadeira nº. 23 da Academia Brasileira de Letras, onde permaneceu por mais de dez anos na presidência que passou a ser chamada também de Casa de Machado de Assis.” (COSTA e TEIXEIRA, 2018, p. 118).

Ao olharmos para o período do século XIX, em que Machado de Assis viveu, observamos que foi um momento de muitas agitações políticas da nossa história, principalmente no período quando ele chega à idade adulta. O Brasil estava sob o regime político da monarquia imperial, o qual também foi denominado de Segundo Reinado (1840-1889), e que tinha como governante D. Pedro II.

O trabalho como jornalista possibilitou ao escritor a oportunidade de conhecer melhor os acontecimentos políticos, e proporcionou-lhe condição para que pudesse enxergar os diversos segmentos da sociedade brasileira. E para estes, olhava com um certo ceticismo. Uma das coisas que percebia eram os interesses políticos em benefício das classes mais abastadas. Podemos perceber essas particularidades pela maneira como ele foi descrito por um dos seus críticos:

Hélio de Seixas Guimarães (2007) descreve Machado de Assis como patriota, nacionalista discreto, um curioso pelo movimento da história, indiferente aos regimes e partidos já que para ele só interessavam as raízes históricas e sociais, não gostava da escravidão e a seu modo fez tudo para combatê-la, mesmo sabendo que não haveria uma lei que apagasse as marcas deixadas nos escravos. (COSTA, 2018, p. 123).

De acordo com a citação, vemos que a descrição que o autor faz sobre Machado dá a ele o destaque de um homem que não vislumbrava nada de melhor para os menos afortunados, nesse caso os escravizados. Ainda que em determinado momento fosse aprovada

alguma lei para beneficiá-los, não faria muita diferença em suas miseráveis vidas, já que estes não tinham para onde ir e tinham que terminar seus dias sob a tutela de seus donos.

Machado viveu na época em que ainda existia o direito de ser proprietários de escravizados, através da compra, com isso, também se achavam no direito de castigá-los. Esses abusos iam de encontro à autoridade da Coroa: “não reconheciam na Coroa portuguesa autoridade para limitar aquilo que consideravam seus direitos: propriedade absoluta sobre o escravo..., principalmente, de puni-lo até a morte” (PINSKY, 2010, p. 77). Tal fato levou o autor a olhar para a sociedade com um certo desprezo, e não podia deixar de expressar em suas obras seu olhar sobre essa triste situação pela qual passavam os escravizados com os severos castigos sofridos. Guimarães (2005) ainda descreve bem o olhar de Machado de Assis sobre essa sociedade, como podemos ler a seguir:

Um escritor dotado de “um pensamento histórico”, com ideias próprias sobre a história brasileira, fascinado com a questão problemática da unidade de uma nação fraturada, e que a certa altura passa a enxergar o Brasil como um país incapaz de uma verdadeira organização, adotando uma postura política pessimista. Para ele, os homens não dividem o poder naturalmente nem com boa vontade: querem sempre mais para si. Pessimismo não é o mesmo que fatalismo. Mesmo nos momentos de franco desespero, nunca deixou de se interessar pela sorte do seu país. (GUIMARÃES, 2005, p. 261, apud COSTA e TEIXEIRA, 2018, p. 123)

A maneira como ele é caracterizado na citação acima, deixa claro que se tratava de um homem bastante sensibilizado com as questões sociais. Entre as diversas situações problemáticas que uma sociedade pode enfrentar, a social é uma das que sempre chama bastante a atenção, pois está ligada diretamente à maneira com que as pessoas que vivem à margem da sociedade buscam meios para sobreviver.

A escravidão foi uma das maiores problemáticas sociais pelas quais passava o Brasil no século XIX. Trata-se de um fato histórico que deixou marcas profundas na organização política e administrativa do Brasil. “As referências à escravidão na obra de Machado de Assis são muito claras e fortes, e denotam a condenação, pelo autor, daquele regime e dos péssimos e injustos costumes sociais que decorrem dele” (RUY, 2019, s/d).

Ao utilizar a obra machadiana, o professor tem a possibilidade de apresentar todas as características acima citadas, pois com um olhar mais aguçado para ela, faz o aluno leitor enxergar os pequenos detalhes que estão inseridos de maneira brilhante pelo autor. “Tendo em vista que a literatura é por si só, uma fonte inspiradora, ela nos abre um leque de possibilidades por meio do qual podemos analisar os vários e novos sentidos de mundo” (LIMA, 2021, p. 12). E é isto que observaremos e entenderemos melhor à medida que formos

trabalhando de forma interdisciplinar o texto literário e a contextualização da escravidão no Brasil.

4.2 Pai contra mãe

A história nos mostra o quanto a escravidão foi de uma crueldade espantosa. Os escravizados, ao chegar nas mãos de seus donos, já se encontravam, pode-se dizer, com seus destinos traçados, pois dali não podiam mais sair, a não ser que fossem por algum motivo vendidos para outros. “É importante registrar aqui que o negro era tratado como mercadoria, não havendo preocupação alguma em se respeitar sua natureza humana. No mercado do Vallongo, no Rio de Janeiro, gravuras e descrições mostram negros à venda sendo examinados como animais” (PINSKY, 2010, p. 50). Como lemos, eles não eram considerados como pessoas. Ao serem comprados, seus donos tinham o direito de fazer com eles o que por bem achassem melhor para mantê-los sob seu poder.

A época em que viveu Machado de Assis foi marcada por diversos acontecimentos políticos sociais, mas nenhum deles talvez tenha sido tão relevante quanto às mazelas impostas pela escravidão. De acordo com Schwarz (2000, p.11), “Toda ciência tem princípios, de que deriva o seu sistema. Um dos princípios da Economia Política é o trabalho livre. Ora, no Brasil domina o fato “impolítico e abominável” da escravidão”¹.

Como um fato social marcante em todo o mundo, muitos escritores não ignoraram essa situação “impolítica e abominável”. A partir da obra machadiana (devidamente selecionada para estudo), o professor de história pode trabalhar essa temática dando destaque para as severas punições sofridas pelos escravizados, já que eles não tinham quem os protegessem, como nos relata Pinsky (2010):

Na verdade, nunca existiu no Brasil algo como um “Código Negro” que regulasse a aplicação de castigos, estabelecendo os limites a determinadas violações e atribuindo penas a seus praticantes. A legislação foi sempre genérica, buscando apenas coibir os “excessos” sem caracterizá-los devidamente, permitindo que o estabelecimento do limite entre o permitido e o “excesso” ficasse a critério dos próprios senhores ou, quando muito, de juízes venais e dependentes dos eventuais réus. Se até hoje, em nosso país, é difícil um poderoso ir para a cadeia – isso com a imprensa denunciando, democracia formal e cidadãos atentos imagine-se durante a escravidão... (PINSKY, 2010, p. 79)

¹ A citação de Schwarz refere-se ao conteúdo de um panfleto liberal distribuído na época em que viveu Machado de Assis.

Por não ter esse “Código Negro”, de acordo com a citação, tudo em relação aos escravizados era violado sem a menor preocupação, visto que não havia punição para esses crimes. Os senhores de escravizados, então, se sentiam com liberdade e com plenos direitos para impor-lhes a sua lei, principalmente para os fugitivos. Como exemplo dessas violações, apresentaremos algumas passagens do conto “Pai contra mãe”.

O conto foi publicado em 1906, no livro *Relíquias da Casa Velha*. A história se passa na cidade do Rio de Janeiro, durante o Segundo Império. O narrador conta a história do personagem Cândido Neves, que não conseguia se firmar em nenhum emprego, com isso, resolve se tornar caçador de escravizados. Ele não tinha uma boa condição financeira, mesmo assim, resolve constituir uma família, casando-se com Clara, que vivia com sua tia Mônica, família também sem boas condições financeiras. A outra personagem é Arminda, uma escrava fugida que está grávida e não suportava mais viver sob o domínio do seu dono. A luta da negra Arminda, a todo custo, usando das suas forças, era não voltar mais para seu dono, pois sabia que ia ser duramente castigada.

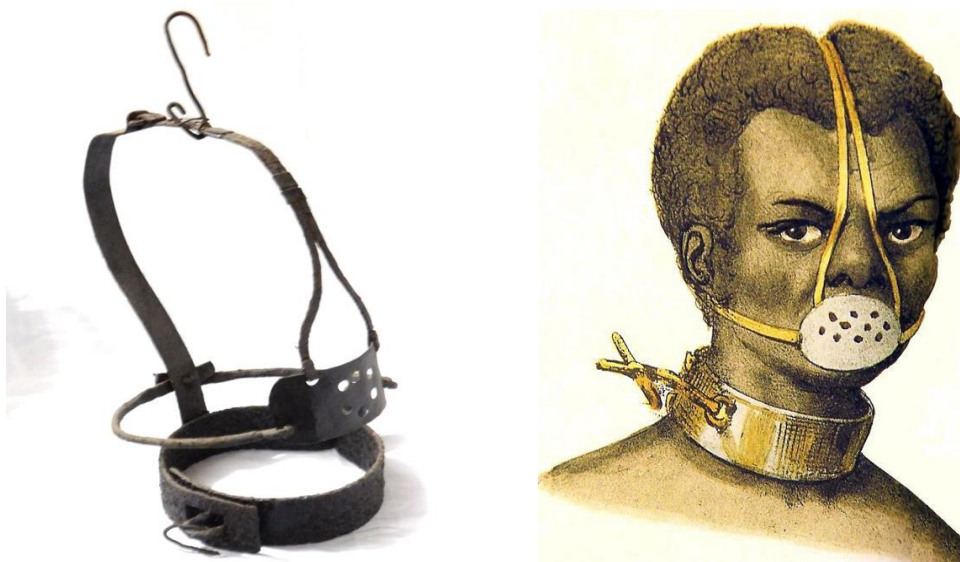
Machado ainda mostra através dos nomes de seus personagens, em seu conto, o embate entre classes sociais pela sobrevivência, e nada mais sugestivo para apresentar esse duelo, do que nomes que fizessem uma alusão à classe dominante. Tem-se então Cândido Neves e Clara, que representam a brancura e a branquitude, nomes escolhidos como forma de evidenciar esse ‘duelo’ a ser apresentado no texto.

No início do conto, o narrador descreve um dos meios de punições que eram empregados aos escravizados, principalmente os fugitivos. Além disso, também leva ao leitor os mais finos detalhes desse sistema escravagista,

O ferro ao pescoço era aplicado aos escravos fujões. Imaginai uma coleira grossa, com a haste grossa também à direita ou à esquerda, até ao alto da cabeça e fechada atrás com chave. Pesava, naturalmente, mas era menos castigo que sinal. Escravo que fugia assim, onde quer que andasse, mostrava um reincidente, e com pouco era pegado. Há meio século, os escravos fugiam com frequência. Eram muitos, e nem todos gostavam da escravidão. Sucedia ocasionalmente apanharem pancada, e nem todos gostavam de apanhar pancada. (ASSIS, 2002, p. 249-250).

Ao ler o trecho, tem-se uma ideia de como esses aparelhos davam aos escravizados uma dura punição. A maneira como é descrito o aparelho, que era utilizado para castigar o negro fugitivo, é de uma riqueza de detalhes que permite ao leitor, fora de sua época, muito bem imaginar o objeto:

FIGURA 1 – Máscara de Flandres



Fonte: Wikipédia (2023)

As imagens acima são do aparelho de punição citado anteriormente. Recebia o nome de máscara de flandres ou máscara de folha de flandres. Fabricada com o mesmo material, uma liga metálica com a qual se fabricavam latas para acondicionar alimentos, óleos, entre outros produtos. Seu nome tem origem na região de Flandres, cidade da Bélgica.

Voltando à citação do conto, vale ressaltar que uma frase chama a atenção quando diz “*mas era menos castigo que sinal*” (grifos nossos). Esse “sinal” entende-se quando o escravizado era marcado a ferro em brasa com a marca do seu senhor. E pode-se destacar ainda que esse ferro no pescoço mesmo sendo um meio de punição, não se aplicava a todos os escravizados, apenas os escravizados fugidos que usavam esse tipo de castigo, assim era mais fácil de identificá-lo, caso voltasse a fugir.

Ainda no conto, sobre os castigos aplicados aos escravizados, lemos:

Eram muitos, e nem todos gostavam da escravidão. Sucedia ocasionalmente apanharem pancada, e nem todos gostavam de apanhar pancada. Grande parte era apenas repreendida; havia alguém de casa que servia de padrinho, e o mesmo dono não era mau; além disso, o sentimento da propriedade moderava a ação, porque dinheiro também dói. (ASSIS, 2002, p. 250).

No trecho acima, encontramos um dos traços que marca a escrita de Machado de Assis. Ao ler “nem todos gostavam de apanhar pancada”, reconhecemos a forma irônica e ácida com que o narrador abordava esses assuntos críticos. Sabe-se que esse tipo de castigo, como os outros, eram muito duros, mesmo assim, faz parecer ao leitor que alguns escravizados gostavam de apanhar, quando na verdade é o contrário. “A ironia se sobressai

como recurso estilístico que serve para revelar as mazelas do regime escravagista – especialmente no que concerne à desumanização do negro” (OLIVEIRA, 2011, p.101-102).

Sobre as constantes fugas, o conto ainda exemplifica como eram feitos os anúncios para capturar um escravo fugitivo. Como mostra o trecho a seguir:

Quem perdia um escravo por fuga dava algum dinheiro a quem lho levasse. Punha anúncio nas folhas públicas, com os sinais do fugido, o nome, a roupa, o defeito físico, se o tinha, o bairro por onde andava e a quantia de gratificação. Quando não vinha a quantia, vinha a promessa: “gratificar-se-á generosamente”, - ou “receberá uma boa gratificação”. Muita vez o anúncio trazia em cima ou ao lado uma vinheta, figura de preto, descalço, correndo, vara ao ombro, e na ponta uma trouxa. Protestava-se com todo o rigor da lei contra o quem açoitasse. (ASSIS, 2002, p. 50).

Nessa passagem, o narrador nos mostra o empenho dos donos de escravizados, dando todos os detalhes possíveis, para tentar recuperá-los. Os anúncios abaixo mostram bem como eram feitos e divulgados esses comunicados públicos em jornais da época. Esse material, facilmente encontrado em registros históricos, podem ser aproveitados pelo professor e levado para a sala de aula:

FIGURA 2 – Anúncios sobre escravizados fugidos



Fonte: Nascimento (2013)

Para quem exercia a função, na época “ofício”, de pegar escravizados, se valia desses anúncios para ganhar algum dinheiro. E quem normalmente se ocupava desses trabalhos, eram homens que não conseguiam desempenhar outras funções. Em relação ao conto, é o caso do personagem Cândido Neves, que depois de ter trabalhado e ter tentado exercer outras profissões, sem êxito, resolveu se ocupar desse ofício, mesmo que esse não tivesse um rendimento que lhe desse uma vida mais confortável, até mesmo após do casamento.

Tinha um defeito grave esse homem, não agüentava emprego nem ofício, carecia de estabilidade; é o que ele chamava caiporismo. Começou por querer aprender tipografia, mas viu cedo que era preciso algum tempo para compor bem, e ainda assim talvez não ganhasse o bastante; foi o que ele disse a si mesmo. O comércio chamou-lhe a atenção, era carreira boa. Com algum esforço entrou de caixeiro para um armário. A obrigação, porém, de atender e servir a todos feria-o na corda do orgulho, e ao cabo de cinco ou seis semanas estava na rua por sua vontade. Fiel de cartório, contínuo de uma repartição anexa ao Ministério do Império, carteiro e outros empregos foram deixados pouco depois de obtidos. (ASSIS, 2002, p. 250).

O trecho acima explica a condição do personagem Candinho. Sem opção, ficou no que mais lhe interessava no momento, mesmo que não lhe trouxesse tantos rendimentos. E falava do ofício com certo orgulho, como podemos ler no diálogo entre ele e Tia Mônica:

- A senhora ainda não jejuou senão pela semana santa, e isso mesmo quando não quer jantar comigo. Nunca deixamos de ter o nosso bacalhau... - Bem sei, mas somos três. - Seremos quatro. - Não é a mesma coisa. - Que quer então que eu faça, além do que faço? - Alguma coisa mais certa. Veja o marceneiro da esquina, o homem do armário, o tipógrafo que casou sábado, todos têm um emprego certo... Não fique zangado; não digo que você seja vadio, mas a ocupação que escolheu é vaga. Você passa semanas sem vintém. - Sim, mas lá vem uma noite que compensa tudo, até de sobra. Deus não me abandona, e preto fugido sabe que comigo não brinca; quase nenhum resiste, muitos entregam-se logo. (ASSIS, 2002, p. 252).

As dificuldades financeiras eram grandes, mesmo assim, Candinho não queria outra profissão, e sentia-se envaidecido ao falar da sua condição de prender negros fugidos. É possível aqui, o professor de história chamar a atenção dos alunos sobre as condições de trabalho do referido período, pois uma função como essa nem sempre aparece em destaque nos livros de história. Também deixar claro que não tinha nada de nobre em um trabalho como esse. Pode-se perceber aqui, também, um tom de ironia por parte do autor. Como afirma Oliveira:

Percebeu-se que a referida ironia foi um recurso estilístico de fundamental importância para a compreensão da obra de Machado de Assis, uma vez que promoveu não apenas uma ascensão em uma fortuna crítica, como também proporcionou a abordagem de temas outrora censurados, principalmente aqueles voltados para a crítica social. (OLIVEIRA, 2011, p. 84).

Outro fato que marcou a vida das pessoas que vivam com pouco ou sem nenhum recurso, também pode ser encontrada no conto:

Não diziam o que era. Tia Mônica, depois do casamento, na casa pobre onde eles se foram abrigar, falou-lhes uma vez nos filhos possíveis. Eles queriam um, um só, embora viesse agravar a necessidade.
- Vocês, se tiverem um filho, morrem de fome, disse a tia à sobrinha. (ASSIS, 2002, p. 251).

Ter uma criança nas condições financeiras em que a família vivia era motivo de muita preocupação, como sempre foi em toda a história. Então doar a criança parecia ser a atitude mais certa, mesmo que doesse, mas em muitas ocasiões, se fazia necessário. Este era o pensamento de tia Mônica.

Após o casamento, Clara, esposa de Cândido Neves, ficou grávida. Como a questão financeira dos dois era péssima, tia Mônica tinha em mente que a criança ia sofrer as consequências daquela pobreza, correndo o risco de morrer de fome. Decidida, a tia resolveu falar para o casal qual seria o melhor destino para aquela criança, como acompanhamos no trecho a seguir:

Foi na última semana do derradeiro mês que a tia Mônica deu ao casal o conselho de levar a criança que nascesse à roda dos enjeitados. Em verdade, não podia haver palavra mais dura de tolerar a dois jovens pais que empreitavam a criança, para beijá-la, guardá-la, vê-la rir, crescer, engordar, pular... enjeitar que? Enjeitar como? Candinho arregalou os olhos para a tia, acabou dando um murro na mesa de jantar. A mesa, que era velha e desconjuntada, esteve quase a se desfazer inteiramente. (ASSIS, 2002, p. 254).

A expressão “Roda dos enjeitados”, como lemos no trecho acima, era muito dura de ouvir. Porém, era o destino para muitas crianças desafortunadas, que nasciam em meio a vida sofrida dos pais. O autor mostra como era difícil a decisão de ter que deixar um filho para que fosse criado por outra família, sem ao menos saber seu destino.

Este foi um fato que afetou a vida de muitas famílias durante o período em questão. A roda dos enjeitados, ou expostos, foi uma instituição criada para dar assistência as crianças que, por algumas razões, os pais não queriam ou podiam criar. Neste caso, “Utilizar a obra literária como “documento”, isto é, alunos e professores podem, a partir da leitura de uma obra ficcional, extrair informações do período em que a obra foi escrita” (ZECHLINSKI, 2003, p. 11).

A cena final relata o episódio envolvendo os dois principais personagens do conto. A difícil situação fez com que a família tomasse a lamentável decisão de levar a criança para a roda dos “enjeitados”. E o pai tomou a responsabilidade de levá-la, mesmo que seu desejo fosse de ficar com o filho.

Contudo, durante o trajeto, surge a última esperança para Cândido Neves, quando vê a escrava com as mesmas características que ele tinha lido no anúncio. Entregar a escrava seria a “salvação” para ficar com seu filho, e ele não podia perder essa oportunidade. Cândido Neves encontrou muita resistência por parte de Arminda, apesar da sua condição física, pois ela

lutou com todas forças para não ser levada de volta para seu dono. No entanto, para Cândido o importante era ficar com seu filho, é esta situação que intitula a narrativa, “Pai contra mãe”.

- Estou grávida, meu senhor! Exclamou. Se Vossa Senhoria tem algum filho, peço-lhe por amor dele que me solte; eu serei tua escrava, vou servi-lo pelo tempo que quiser. Me solte, meu senhor moço! - Siga! repetiu Cândido Neves. - Me solte! - Não quero demoras; siga!

Houve aqui luta, porque a escrava, gemendo, arrastava-se a si e ao filho. Quem passava ou estava à porta de uma loja, compreendia o que era e naturalmente não acudia. Arminda ia alegando que o senhor era muito mau, e provavelmente a castigaria com açoutes,--cousa que, no estado em que ela estava, seria pior de sentir. Com certeza, ele lhe mandaria dar açoutes.

- Você é que tem culpa. Quem lhe manda fazer filhos e fugir depois? Perguntou Cândido Neves.

- Aqui está a fujona, disse Cândido Neves. - É ela mesma. - Meu senhor!- Anda, entra...

Arminda caiu no corredor. Ali mesmo o senhor da escrava abriu a carteira e tirou os cem mil-réis de gratificação. Cândido Neves guardou as duas notas de cinquenta mil-réis, enquanto o senhor novamente dizia à escrava que entrasse. No chão, onde jazia, levada do medo e da dor, e após algum tempo de luta a escrava abortou.

O fruto de algum tempo entrou sem vida neste mundo, entre os gemidos da mãe e os gestos de desespero do dono. Cândido Neves viu todo esse espetáculo. Não sabia que horas eram. Quaisquer que fossem, urgia correr à Rua da Ajuda, e foi o que ele fez sem querer conhecer as consequências do desastre. (ASSIS, 2002, p. 257-258)

O conto, ao chegar ao seu final, deixa para o leitor uma visão de como a sociedade da época se comportava perante ao indivíduo e sua condição de existência. Normalmente, cenas como a que acabamos de ler, não são contadas nos livros didáticos de história, porque se trata de uma leitura da sociedade e, a partir dela, o autor a recria ficcionalmente.

A história sempre procura passar para a sociedade como o fato da escravidão em si acontecia. No entanto, algumas particularidades se tornam mais sensíveis quando apresentadas pelo olhar da produção literária, que desenvolve a aproximação do leitor com os personagens. É isso que o conto procura mostrar.

A vida difícil de uma boa parcela da sociedade leva as pessoas a não se importarem com a condição do Outro, pois é preciso sobreviver. E se o Outro fosse um escravizado fugido, uma das marcas do século XIX, pouco importava o que ia lhe acontecer, o que estava em jogo era a sobrevivência de quem o caçava. E o autor procura mostrar isso em uma das cenas mais duras e chocantes do conto. Vale ressaltar que Machado captura a essência do homem pela sobrevivência e, cruelmente, confirma o recorrente ditado “a corda sempre se rompe do lado mais fraco”.

4.3 O caso da vara

Mantendo-nos no debate sobre a escravização dos negros, passaremos a uma breve análise do conto “O caso da vara”. Essa narrativa foi publicada em 1891, na *Gazeta de Notícias*. Depois foi publicado novamente no ano de 1899, no livro *Páginas recolhidas*. É um conto que está relacionado à vida de um jovem seminarista, entrelaçada diretamente à da jovem escrava Lucrécia. Mesmo sendo escrito após o fim da escravidão, a história se passa durante o Segundo Império.

A narrativa é sobre um jovem seminarista, Damião, que não pretendia mais ficar no seminário, pois não queria ser padre. Por esse motivo, ele foge e vai à procura de Sinhá Rita para que fale com seus parentes, para não devolvê-lo ao seminário. No transcorrer do diálogo entre os dois, para tentar solucionar o problema, aparece a figura de Lucrécia, uma das escravas de Sinhá Rita que trabalhava na confecção de rendas.

Mesmo sendo ambos adolescentes, o protagonista e a menina escrava, esta última era apadrinhada por Damião que, como veremos à frente, não abre mão da sua liberdade em detrimento do sofrimento de Lucrécia. Ele resolveu apadrinhar a escrava por pura pena ao perceber suas condições físicas e as marcas dos castigos que ela sofria, e sabia que, se não a protegesse, ela iria ser punida caso não terminasse sua tarefa, interrompida por sua causa. De forma análoga ao primeiro conto analisado, Alcides Villaça apresenta a seguinte observação em relação (a não fortuita) seleção de nomes dos personagens machadianos:

Lucrécia (etimológica e ironicamente: “a que lucra”), nessa narrativa datada de “antes de 1850” (antes, portanto, dos primeiros e timidíssimos passos da caminhada abolicionista), é menina e escrava; sua descrição física, à qual não faltam indícios de castigos e sevícias regulares, é econômica, penosa e não deixa dúvida: a imagem, devastadora, é a da fraqueza absoluta, sem remissão possível. (VILLAÇA, 2006, p. 27).

Novamente, a narrativa machadiana coloca em confronto duas forças, obviamente demonstrando claramente a desigualdade da balança social e expondo condição de fragilidade dos escravizados. Diferentemente do primeiro conto apresentado, neste, o personagem Damião não está na mesma condição financeira do personagem do conto “Pai contra mãe”, como podemos ler no trecho a seguir:

Damião fugiu do seminário às onze horas da manhã de uma sexta-feira de agosto. Não sei bem o ano, foi antes de 1850. Passados alguns minutos parou vexado; não contava com o efeito que produzia nos olhos da outra gente aquele seminarista que ia espantado, medroso, fugitivo. Desconhecia as ruas, andava e desandava,

finalmente parou. Para onde iria? Para casa, não, lá estava o pai que o devolveria ao seminário, depois de um bom castigo. Não assentara no ponto de refúgio, porque a saída estava determinada para mais tarde; uma circunstância fortuita a apressou. Para onde iria? Lembrou-se do padrinho, João Carneiro, mas o padrinho era um moleirão sem vontade, que por si só não faria cousa útil. Foi ele que o levou ao seminário e o apresentou ao reitor: - Trago-lhe o grande homem que há de ser, disse ele ao reitor. (ASSIS, 2002, p. 241).

Ao relacionarmos o conto à escravidão, o professor já pode chamar a atenção do aluno que o autor já nos traz uma data, aproximadamente “1850”. Os livros didáticos nos mostram essa data como um dos primeiros momentos de conquista na luta pela abolição da escravidão, que foi a aprovação da Lei Eusébio de Queiroz. No entanto, “o texto do livro didático não consegue fazer com que se perceba de fato como as pessoas “comuns” do passado foram sujeitos da história. Isso dificulta que os estudantes se sintam também agentes de um processo histórico” (ZECHLINSKI, 2003, p. 10). Por meio do conto de Machado, o professor pode trabalhar a caracterização dos personagens e os colocar em evidência como representações de sujeitos históricos.

Ao lermos esse trecho do conto, podemos perceber que o personagem é de uma família que têm posses, e era uma prática de algumas famílias colocarem seus filhos nos seminários para que esse, num futuro próximo, se tornasse membro da Igreja Católica. No entanto, a mesma sociedade que preza pelos hábitos culturais religiosos é a mesma capaz de dispensar um tratamento verdadeiramente indigno e cruel a outros seres humanos. Isto se dá devido a condição de poder de um personagem sobre o outro. Nesse sentido, temos no conto a figura de Sinhá Rita, detentora de certos poderes sobre outros, como veremos a seguir:

— Mas que é isto, Sr. Damião? bradou novamente a dona da casa, que só agora o conhecera. Que vem fazer aqui!

Damião, trêmulo, mal podendo falar, disse que não tivesse medo, não era nada; ia explicar tudo.

— Descanse; e explique-se.

— Já lhe digo; não pratiquei nenhum crime, isso juro, mas espere.

Sinhá Rita olhava para ele espantada, e todas as crias, de casa, e de fora, que estavam sentadas em volta da sala, diante das suas almofadas de renda, todas fizeram parar os bilros e as mãos. Sinhá Rita vivia principalmente de ensinar a fazer renda, crivo e bordado. Enquanto o rapaz tomava fôlego, ordenou às pequenas que trabalhassem, e esperou. Afinal, Damião contou tudo, o desgosto que lhe dava o seminário; estava certo de que não podia ser bom padre; falou com paixão, pediu-lhe que o salvasse.

— Como assim? Não posso nada.

— Pode, querendo.

— Não, replicou ela abanando a cabeça, não me meto em negócios de sua família, que mal conheço; e então seu pai, que dizem que é zangado! (ASSIS, 2002, p. 242).

Damião insiste para que Sinhá Rita o salve do sacrifício que é está no seminário, ele imagina que ela por ocupar certa posição social, tem condições de ajudá-lo. E vai usar também do seu poder de persuasão para fazer com que ela resolva a situação. Tudo parece ser uma relação de poder mútuo, mesmo sendo em perspectivas diferentes como nos relata Aquati:

Se não resta dúvida de que quem concentra o poder imediato é Sinhá Rita, limitar a leitura dessa forma, contudo, não é possível, pois as relações travadas pelas personagens, no conto, são muitas. Se em Sinhá Rita o autoritarismo é imanente e ela maneja as personagens à sua maneira, Damião espertamente a maneja segundo seu desejo. Mas o poder de Damião tem um limite, e o rapaz não pode desagradar Sinhá Rita com atitudes afrontosas, como, por exemplo, dar proteção a Lucrécia (AQUATI, 2009, p. 84).

Essas relações de poder ficam em primeiro plano logo no início do conto. Damião tenta de todas as formas articular sua saída do seminário, ao mesmo tempo, o narrador traz os primeiros indícios que, à época, sem perspectivas ainda da abolição da escravidão, o pensamento da maior parte da sociedade era manter esse regime cruel de punição no seu meio. Um pouco dessa crueldade podemos ver no trecho a seguir:

Sinhá Rita tinha quarenta anos na certidão de batismo, e vinte e sete nos olhos. Era apessoada, viva, patusca, amiga de rir; mas, quando convinha, brava como diabo. Quis alegrar o rapaz, e, apesar da situação, não lhe custou muito. Dentro de pouco, ambos eles riam, ela contava-lhe anedotas, e pedia-lhe outras, que ele referia com singular graça. Uma destas, estúrdia, obrigada a trejeitos, fez rir a uma das crias de Sinhá Rita, que esquecera o trabalho, para mirar e escutar o moço. Sinhá Rita pegou de uma vara que estava ao pé da marquesa, e ameaçou-a:

— Lucrécia, olha a vara!

A pequena abaixou a cabeça, aparando o golpe, mas o golpe não veio. Era uma advertência; se à noitinha a tarefa não estivesse pronta, Lucrécia receberia o castigo do costume. (ASSIS, 2002, p. 243)

A partir desse trecho, podem ser discutidos alguns tipos de castigos sofridos pelos escravizados, castigos estes que eram aplicados pelos mais fúteis gestos. Villaça (2006, p. 20), assinala que esta passagem “encena numa sala de visitas a complexa experiência da exclusão que se oculta (mas nem tanto) nas eternas propostas de entendimento nacional”. Portanto, temos aqui a representação de uma condição social.

Quando lemos, “fez rir uma das crias de Sinhá Rita, que esquecera o trabalho, para mirar e escutar o moço”, observamos a ameaça que vem a seguir, “Sinhá Rita pegou de uma vara que estava ao pé da marquesa, e ameaçou-a: — Lucrécia, olha a vara”! Fica claro que em uma sociedade na qual se tem o poder e o dono se sente no direito de fazer o que quiser com

seus escravizados, tudo era motivo de punição. Damião pretendia fazer com que aquilo não mais acontecesse:

Damião olhou para a pequena; era uma negrinha, magricela, um frangalho de nada, com uma cicatriz na testa e uma queimadura na mão esquerda. Contava onze anos. Damião reparou que tossia, mas para dentro, surdamente, a fim de não interromper a conversação. Teve pena da negrinha, e resolveu apadrinhá-la, se não acabasse a tarefa. Sinhá Rita não lhe negaria o perdão... Demais, ela rira por achar-lhe graça; a culpa era sua, se há culpa em ter chiste. (ASSIS, 2002, p. 243).

Mesmo na condição que Damião se encontrava, aflito para não querer mais voltar para o seminário, se deu ao direito de apadrinhar a menina escrava. “ele mesmo que se reconhece com esse potencial de paternalismo. Ele, filho e afilhado, presentemente tão vulnerável, pode arvorar-se a padrinho de quem é frágil de modo absoluto. Amplia-se, como se vê, o quadro de relação de poder” (VILLAÇA, 2006, p. 27). Contudo, essa atitude de por parte de Damião, não trará para Lucrécia grandes benefícios como poderemos ver mais adiante.

Era a hora de recolher os trabalhos. Sinhá Rita examinou-os, todas as discípulas tinham concluído a tarefa. Só Lucrécia estava ainda à almofada, meneando os bilros, já sem ver; Sinhá Rita chegou-se a ela, viu que a tarefa não estava acabada, ficou furiosa, e agarrou-a por uma orelha.

— Ah! malandra!

— Nanhã, nanhã! pelo amor de Deus! por Nossa Senhora que está no céu.

— Malandra! Nossa Senhora não protege vadias!

Lucrécia fez um esforço, soltou-se das mãos da senhora, e fugiu para dentro; a senhora foi atrás e agarrou-a.

— Anda cá!

— Minha senhora, me perdoe!

— Não perdão, não.

E tornaram ambas à sala, uma presa pela orelha, debatendo-se, chorando e pedindo; a outra dizendo que não, que a havia de castigar.

— Onde está a vara?

A vara estava à cabeceira da marquesa, do outro lado da sala Sinhá Rita, não querendo soltar a pequena, bradou ao seminarista.

— Sr. Damião, dê-me aquela vara, faz favor?

Damião ficou frio. . . Cruel instante! Uma nuvem passou-lhe pelos olhos. Sim, tinha Jurado apadrinhar a pequena, que por causa dele, atrasara o trabalho...

— Dê-me a vara, Sr. Damião!

Damião chegou a caminhar na direção da marquesa. A negrinha pediu-lhe então por tudo o que houvesse mais sagrado, pela mãe, pelo pai, por Nosso Senhor.. .

— Me acuda, meu sinhô moço!

Sinhá Rita, com a cara em fogo e os olhos esbugalhados, instava pela vara, sem largar a negrinha, agora presa de um acesso de tosse. Damião sentiu-se compungido; mas ele precisava tanto sair do seminário! Chegou à marquesa, pegou na vara e entregou-a a Sinhá Rita. (ASSIS, 2002, p. 246-247).

No final do conto, Machado de Assis nos mostra, mesmo que não tenha relatado toda a cena do castigo sofrido pela escrava, o que ele sabia fazer como nenhum outro escritor, que esses seres humanos eram levados ao sofrimento extremo pelos seus donos. E mesmo que, em

algum momento, surgisse alguém com um certo ar de compaixão por alguma infeliz dessas almas e pensasse em favorecê-la, era mais válido se livrar daquilo que lhe angustiava, no caso de Damião, ser favorecido e sair do seminário, do que proteger uma escrava. Assim como em “Pai contra mãe”, existe uma relação de forças que exige a tomada de uma decisão, mas Damião sabia que não poderia contrariar Sinhá Rita, que também o favorecia. Sobre estes favorecimentos Schwartz assinala:

[...] particularmente no instante-chave do reconhecimento recíproco – a nenhuma das partes interessa denunciar a outra, tendo embora a todo instante os elementos necessários para fazê-lo. Esta cumplicidade sempre renovada tem continuidades sociais mais profundas, que lhe dão peso de classe: no contexto brasileiro, o favor assegurava às duas partes, em especial à mais fraca, de que nenhuma é escrava. Mesmo o mais miserável dos favorecidos via reconhecida nele, no favor, a sua livre pessoa, o que transformava a prestação e contraprestação, por modestas que fossem, numa cerimônia de superioridade social, valiosa em si mesma. (SCHWARTZ, 2000 p, 20).

Na sociedade brasileira sempre existiu uma grande distinção entre as classes, mas como a citação nos mostra sobre a questão de favorecimento, não importa a qual classe esse seja prestado, pois isso dava a relação um grande valor. Então mesmo que Damião tenha pensado em prestar um favor a Lucrécia livrando-a do castigo, não o fez, pensou em benefício próprio. Novamente, o peso da classe foi mais importante.

Debater essas questões trazidas pela literatura faz o aluno perceber os valores sociais existentes na nossa sociedade, pois como diz Santos:

Valorizar a narrativa histórica no diálogo da Literatura com a História é criar o ambiente mais que adequado para a produção do conhecimento histórico escolar, pois, através de uma narrativa estruturada e objetiva, os alunos serão levados a meditar de maneira crítica sobre os acontecimentos históricos que estão sendo estudados. (SANTOS, 2009, p. 17).

A abordagem desses dois contos pode permitir aos alunos a reflexão sobre esses fatos ocorridos durante a escravidão. Os textos literários ganham ainda mais importância quando damos a ele o seu devido valor, levando-o para a sala de aula. Para o discente será muito importante para o seu crescimento educacional e histórico-social. Possivelmente farão com que eles tenham a consciência de lutar por direitos em favor dos mais prejudicados por uma sociedade tão excludente como a nossa. Vale ressaltar que, para os discentes, estas discussões também contribuem para seus conhecimentos culturais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma das tarefas mais difíceis que o professor do ensino básico encontra no exercício de sua profissão é instigar o seu aluno ao gosto pela leitura. Isto acontece desde a educação infantil (nível fundamental I), passando pelo fundamental II, anos finais, e ensino médio. É importante familiarizar os alunos com leituras desde a sua infância, com isso, é bem provável que ele se torne um leitor assíduo, e também um apreciador das grandes obras que a literatura tem a nos oferecer, reconhecendo nela o valor social e humanizador que ela proporciona.

A leitura do texto literário traz rica fonte para se trabalhar em muitas áreas de conhecimento, pois, como declarou Roland Barthes (2013, p.16) “Se, por não sei que excesso de socialismo ou de barbárie, todas as nossas disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto numa, é a disciplina literária que devia ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário”.

Para construção do nosso trabalho, no primeiro capítulo fizemos uma cronologia trazendo algumas obras literárias de reconhecimento tanto mundial quanto nacional. Com isso, pudemos apresentar ao nosso leitor que nossa literatura é muito rica e que, mesmo que não seja tão trabalhada nas salas de aulas, ela sempre esteve e estará presente no nosso dia a dia, na nossa educação, é inerente à história da humanidade desde o momento em que os seus primeiros escritos foram gravados ainda em tabuletas de argila.

Para que ela ganhe uma maior visibilidade na educação básica, muitas vezes é necessário pensar em projetos pedagógicos que trabalhem com a leitura das grandes obras da nossa literatura, ou com leitura literária em geral. Pois o professor ou professora da disciplina de língua portuguesa, na qual ela está inserida, não consegue dar conta. Mesmo que o livro didático traga como um dos critérios a interpretação de texto, os projetos de leitura fazem a literatura ganhar mais espaço nas escolas.

No segundo capítulo, abordamos o longo processo que as áreas de conhecimentos contextualizadas em nosso trabalho, literatura e história, passaram para entrar no currículo escolar. É um processo normal pelo qual todas passam. Porém uma delas não entra no nosso currículo, a de Literatura, como vimos. Mesmo que o último documento oficial da nossa educação, a BNCC, aborde um pouco sobre literatura, entendemos que, por não ser uma disciplina específica no nosso currículo, pode não receber o mesmo prestígio que as demais.

Na conjuntura atual da educação, abordamos ainda no segundo capítulo a discussão sobre os métodos a serem utilizados nas salas de aulas, é dado uma importância com grande destaque para a interdisciplinaridade, e trouxemos para o nosso trabalho essa metodologia

com o intuito de fortalecer a importância da literatura quanto contribuição para outras disciplinas, pois, como afirmou Roland Barthes, as possibilidades dos textos literários serem inseridos nas discussões dos mais diversos temas são inúmeras. Sobre a relação entre as duas disciplinas lê-se: “O texto literário, como fonte histórica, requer que se faça o diálogo com outras fontes de informações históricas que possibilitem, ao relacioná-las, analisar as mudanças e permanências da sociedade de uma época” (SANTOS, 2009 p. 11)

Por fim, apresentamos nossa proposta para fazer a interdisciplinaridade com a disciplina de história, sobre história do Brasil, mais especificamente com a temática escravidão. Trouxemos o nosso grande expoente da literatura brasileira que é Machado de Assis. Dono de uma extensa obra foi e é um intelectual que ganhou o reconhecimento do público sendo elogiado pelo excelente trabalho que prestou a nossa literatura. “Diferente de muitos autores que começam por suas melhores obras e vão se perdendo com o tempo, e sendo esquecidos, Machado teve uma carreira ascendente” (COSTA e TEIXEIRA, 2018, p. 120). Ele atuou em várias áreas, mas se destacou mais pelos seus escritos, procurando mostrar com um olhar crítico aos leitores como a sociedade da sua época se comportava.

Procuramos apresentar com trechos de algumas de suas obras o seu olhar sobre a escravidão. Quais as possibilidades de discussão que podem ser levantadas em sala de aula, nos dando a possibilitar de debater e contextualizar momentos tristes em que pessoas tiveram seus direitos violados, como os castigos sofridos quando estas eram escravizadas, e momentos de (euforia) com a abolição da escravidão, dando voz a personagens comuns da nossa sociedade.

Vale ressaltar que, para se trabalhar com um autor como Machado de Assis, o professor tem que escolher bem o público ao qual ele pretende levantar essas discussões. A obra machadiana reflete a linguagem e o contexto em que foi produzida, portanto, precisa ser devidamente mediada pelo docente, a fim de que se possa melhor compreender a visão do homem e de sua época.

Portanto, fica claro que é preciso incentivar mais, não só a disciplina de história, como outras a utilizar a literatura, mesmo que ela tenha um caráter ficcional, como fonte histórica, recurso didático e aplicá-la em sala de aula. Quem sabe até inseri-la no nosso currículo da educação básica como disciplina, ela tem muito a contribuir com o ensino aprendizagem dos nossos educandos. Pois uma área dessa importância, não pode ser vista apenas como recurso didático interdisciplinar.

6. REFERÊNCIAS

AQUATI, Cláudio. **Vínculos de poder**: “O caso da vara”, de Machado de Assis. UNESP, São José do Rio Preto-SP, 2009.

ASSIS, Machado de. **Os melhores contos de Machado de Assis**: O caso da vara. Seleção de Domício Proença Filho. 14º ed. São Paulo, Global, 2002.

ASSIS, Machado de. **Os melhores contos de Machado de Assis**: Pai contra a mãe. Seleção de Domício Proença Filho. 14º ed. São Paulo, Global, 2002.

BARTHES, Roland. **Aula**: Aula inaugural da cadeira de semiologia literária do colégio de França, 14ª ed. Cultrix. São Paulo_SP, 2013.

BORGES, Valdeci Resende. **História e Literatura**: Algumas Considerações. Revista de Teoria da História, Goiânia, v. 3, n. 1, p. 94–109, 2014. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/teoria/article/view/28658>. Acesso em: 20/03/2023.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Base Nacional Comum Curricular. 2017. Disponível em: disponível em <http://bansenacionalcomum.mec.gov.br/> acesso em: 14/03/2023

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9a edição revista. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CHARTIER, Roger. **Literatura e História**. Topoi, Rio de Janeiro, nº 1, pp. 197-21, 1999.

CHIAPPINI, Ligia. **Literatura e História**. Notas sobre as relações entre os estudos literários e os estudos historiográficos. Disponível: <https://doi.org/10.11606/v0i5p18-28>. Acesso em: 25/03/2023

CORREIA, Janaína dos Santos. **O uso da fonte literária no ensino de história**: diálogo com o romance “Úrsula” (final do século. XIX) História & Ensino, Londrina, v. 18, n. 2, p. 179-201, jul./dez. 2012

COSSON, Rildo. A sequência básica. In: **Letramento literário**: teoria e prática. 2. ed São Paulo: Contexto, 2009.

COSTA, Camila Gonçalves da; ZIMMERMANN, Tânia Regina. **A instituição da como disciplina escolar**. ReDiPE: Revista Diálogos e Perspectivas em Educação, Marabá-PA, v. 2, n. 2, p. 167-180, 2020. Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará [\[https://periodicos.unifesspa.edu.br/index.php/ReDiPE/article/view/1480\]](https://periodicos.unifesspa.edu.br/index.php/ReDiPE/article/view/1480) disponível em: Acesso em: 15/03/2023.

COSTA, Márcia; TEIXEIRA, Níncia Cecília Ribas Borges. **Machado de Assis e o legado da crítica**: ao escritor as palavras. Vol. 9 n. 1, 2018. Disponível em: https://revistas.unicentro.br/index.php/revista_interfaces/article/download/5209/3701. Acesso em: 17/04/2023

FONSECA, Selva Guimarães. **Fazer e ensinar História**. Belo Horizonte: Dimensão, 2009.

FONTES, Martins. A Epopéia de Gilgamesh: Anônimo. Tradução: Carlos Daudt de Oliveira. Disponível em: <https://geha.paginas.ufsc.br/files/2017/04/>. Acesso em: 05/05/2023

LIMA, Vaneide Maria Luna de. **Márcia Kambeba e a poesia de autoria indígena em sala de aula**: Uma proposta para o ensino médio. UFPB, Campus IV, Mamanguape-PB, 2021.

LOPES, João José. **A Ilíada e a Odisseia**: dois pilares da civilização grega e legado para a posteridade. Revista do mestrado em Letras Linguagem, Discurso e Cultura – UNICOR. Revista Memento V.4, n.1, jan.-jun. 2013. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4799010.pdf>. Acesso em: 04/05/2023

MENDONÇA, Paulo Roberto Soares. **Da cidade como núcleo político das civilizações da antiguidade**: Egito e Mesopotâmia. Revista de Direito da Cidade, vol.05, nº01, p. 170-196. <https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/rdc/article/download/10362/8164>: acesso em 04/05/2023

NASCIMENTO, Douglas. Os repugnantes anúncios de escravos em jornais do século XIX. São Paulo Antiga. Disponível em <https://saopauloantiga.com.br/anuncios-de-escravos/>. Acesso em: 10 de maio de 2023.

OLIVEIRA, Marina Rodrigues de. **Escravidão e resistência**: a ironia como recurso estilístico nos contos machadianos. EFPB, Campus I, João Pessoa-PB, 2011.

OLIVEIRA, Regina Soares de. **História**. Vanusia Lopes de Almeida, Vitória Azevedo da Fonseca; Márcio Rogério de Oliveira Cano, coordenador. São Paulo: Blucher, 2012. (Coleção a reflexão e a prática no ensino).

PINTO, Júlio Pimentel. **Ensino de história**: diálogo com a literatura e a fotografia. Cotidiano escolar. São Paulo: Moderna 2012.

PINSKY, Jaime, **A escravidão no Brasil**. Ed. Contexto – São Paulo, 2010. – (Repensando a História).

RUY, José Carlos. **A escravidão nos escritos de Machado de Assis**. Publicado 24/11/2019. Disponível em: <https://vermelho.org.br/> acesso em: 21/04/2023.

SANTOS Ademar Firmino dos. **Entre fatos e artefatos**: Literatura e ensino de História nos encontros acadêmicos nacionais (1979-2007) UEL - Londrina-Pr. 2009. Disponível em: <https://moodle.ufsc.br/mod/resource/view.php?id=456835>. Acesso em: 25/03/2023

SANTOS, Maycon Dougllas Vieira dos; SILVA, Rafael Lisboa da. **Relação entre a literatura e a história**: uma abordagem teórico-metodológica para o ensino de história. Revista Porto das Letras, Vol. 6, Nº 2. 2020. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/download/8567/17105/>. Acesso em: 15/04/2023

SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas**: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. Ed. 34. São Paulo: Duas Cidades; 2000.

SOARES, Claudio. **Pobre, negro, gago, epilético**: Machado de Assis teve quase tudo contra si. Brasil de Fato. Rio de Janeiro-RJ, 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/>. Acesso em: 20/04/2023

SOUZA, Ana Aparecida Arguelho de. **Literatura e História na Educação Medieval**. https://www.revistamirabilia.com/sites/default/files/pdfs/2011_02_01.pdf. Acesso em: 10/03/2023.

TODOROV, T. **A literatura em perigo**. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

VILLAÇA, Alcides. **Querer, poder, precisar**: “O caso da Vara”. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/teresa/article/view/>- São Paulo, 2005. Acesso em 13/05/2023.

ZECHLINSKI, Beatriz Polidori. **História e literatura**: questões interdisciplinares. UFPEL, 2003. <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/HistRev/article/view/11723>. Acesso em: 20/03/2023

WIKIPÉDIA. Disponível em <https://www.google.com.br/search?q=mascara+de+flandres>. Acesso em: 16 de maio de 2023.